

INSTITUTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA DE GOIÁS
BACHARELADO EM FILOSOFIA

MARCELO DA SILVA GONÇALVES

**O AMOR PELA SAPIÊNCIA:
A IDENTIDADE DA FILOSOFIA NO DIDASCALICON DE HUGO DE SÃO VÍTOR**

Goiânia

2022

MARCELO DA SILVA GONÇALVES

O AMOR PELA SAPIÊNCIA:
A IDENTIDADE DA FILOSOFIA NO DIDASCALICON DE HUGO DE SÃO VÍTOR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Filosofia.

Orientador: Me. Marcos Vinícius R. de Carvalho

Goiânia

2022

FOLHA DE APROVAÇÃO

Data:

Hora:

Local:

Acadêmico:

Título:

*Ofereço esta obra à Santíssima Virgem
Maria, em agradecimento a todas as
graças recebidas, especialmente por me
ensinar a amar a Sapiência do Pai que se
encarnou em seu ventre.*

*Também dedico este trabalho a todas as
pessoas de boa vontade que desejam
conhecer o que é a filosofia, que possa
auxiliá-los em sua busca!*

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho só foi possível pelo sacrifício e esforço de meus pais, que se empenharam em garantir para mim uma boa educação básica, fundamental e média. Tenho e sempre terei uma profunda gratidão a vocês, porque seus sacrifícios me enriqueceram de bens espirituais que são imperecíveis. Juntamente com os estudos, foi de meus pais que recebi a fé e o incentivo para ser um bom católico, o que faz meu coração sentir profunda gratidão, pois a fé me é muito valiosa.

Minha gratidão se estende à Província do Santíssimo Nome de Jesus, e à Ordem dos Frades Menores, meus irmãos, porque tive a oportunidade de estudar por toda minha vida escolar no Colégio Sagrado Coração de Jesus, onde fui educado, seja nos conteúdos disciplinares seja no cultivo das virtudes. Ainda sou grato pela oportunidade de estudar filosofia no IFITEG, instituição que também é mantida pela província. Mais ainda, sou grato à província por ter me acolhido na formação, me permitindo compartilhar da vida de frade menor e do espírito de nosso Pai Seráfico São Francisco de Assis.

Gostaria que minha gratidão também chegasse a todos os membros do Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás, pela oportunidade de ter cursado o bacharelado em filosofia nessa instituição, que me enriqueceu com diversas experiências. Obrigado a todos os professores pelo seu empenho em nossa formação. Obrigado a todos os colaboradores desse instituto pelo cuidado conosco.

Agradeço de modo especial a meu orientador, Irmão Me. Marcos Vinícius Ramos de Carvalho, que me acompanhou pacientemente e me auxiliou com seus conselhos. Obrigado também à Irmã Dr. Raquel Mendes Borges, e ao professor Me. Saulo Fernandes Brito, que aceitaram prontamente compor a banca de avaliação deste trabalho, muito obrigado!

Por fim, agradeço ao Pai pela existência e a alegria de vislumbrar sua Sapiência, visão que sempre consola e conforta nesta vida!

Portanto, o Amor é filósofo no sentido mais significativo do termo. A sophia, isto é, a sapiência, é possuída somente por Deus; a ignorância é própria daquele que está totalmente alienado da sapiência; ao contrário, a filosofia é própria de quem não é nem sábio nem ignorante, não possui o saber mas a ele aspira, está sempre procurando e o que encontra sempre lhe escapa e deve buscar mais além, justamente como faz o amante.

O que os homens chamam de amor não é senão uma pequena parte do verdadeiro amor: amor é desejo do belo, do bem, da sapiência, da felicidade, da imortalidade, do Absoluto.

O amor tem muitos caminhos que conduzem a vários degraus de bem (toda forma de amor é sempre desejo de possuir o bem); mas o verdadeiro amante é o que sabe percorrê-los todos até alcançar a visão suprema, a visão do que é absolutamente belo.

Giovani Reale

RESUMO

Hugo de São Vítor destacou como um dos grandes mestres das artes do século XII, especialmente por causa de seu ensinamento contido no *Didascalicon*: da arte de ler, obra dedicada a iniciar os alunos no estudo da filosofia. Esta monografia tem por objetivo aplicar-se à elucidação da identidade da filosofia, como Hugo a propôs no *Didascalicon*: a filosofia é amor pela Sapiência. Primeiramente, através de uma incursão à origem da filosofia no período clássico, procurou-se elucidar os fundamentos da arte filosófica e situar o grau de ligação de Hugo com a tradição filosófica que o precedeu. Posteriormente passou-se ao estudo de características do século XII e do próprio *Didascalicon*. Assim, investigou-se os quatro conceitos e a divisão da filosofia que Hugo propõe, explicitando a novidade das artes mecânicas como partes da filosofia. Além disso, a pesquisa deteve-se na consideração do significado do conceito de Sapiência, que para Hugo é *Mente Viva de Deus*, a única razão primordial de todas as coisas, a segunda pessoa da Santíssima Trindade. Por conseguinte, no *Didascalicon* a filosofia aparece como a ciência mais importante, porque ensina o homem a conhecer sua origem na Sapiência, o que o possibilita compreender sua própria existência e do mundo que o circunda. Além do mais, Hugo de São Vítor é um transmissor e continuador da tradição que remonta desde a origem da filosofia que a situa essencialmente ligada à procura e união com a verdade, o bem, o belo, o Ser.

Palavras-chave: Hugo de São Vítor, *Didascalicon*, Filosofia, Sapiência.

RIASSUNTO

Ugo de San Vittore si distinse come uno dei grandi maestri delle arti del XII secolo, soprattutto per il suo insegnamento contenuto nel *Didascalicon*: sull'arte della lettura, un'opera dedicata all'iniziazione degli studenti allo studio della filosofia. Questa monografia si propone di applicarsi alla delucidazione dell'identità della filosofia, come l'ha proposta Hugo nel *Didascalicon*: la filosofia è amore per la Sapienza. In primo luogo, attraverso un'incursione nelle origini della filosofia nel periodo classico, abbiamo cercato di chiarire i fondamenti dell'arte filosofica e di individuare il grado di connessione tra Hugo e la tradizione filosofica che lo ha preceduto. Successivamente si studiò lo studio delle caratteristiche del XII secolo e del *Didascalicon* stesso. Sono stati così indagati i quattro concetti e la divisione della filosofia proposta da Hugo, spiegando la novità delle arti meccaniche come parti della filosofia. Inoltre, la ricerca si è concentrata sulla considerazione del significato del concetto di Sapiência, che per Hugo è la Mente Vivente di Dio, l'unica ragione primordiale di tutte le cose, la seconda persona della Santissima Trinità. Pertanto, nel *Didascalicon*, la filosofia appare come la scienza più importante, perché insegna all'uomo a conoscere la sua origine nella Sapienza, che gli permette di comprendere la propria esistenza e il mondo che lo circonda. Hugo de São Vítor, inoltre, è trasmettitore e continuatore della tradizione che risale alle origini della filosofia, che la pone essenzialmente legata alla ricerca e all'unione con la verità, il bene, il bello, l'Essere.

Parole chiave: Ugo de San Vittore, *Didascalicon*, Filosofia, Sapienza.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO | 10 |
| 1 DA FONTE À TORRENTE: O QUE TÚ ÉS, FILOSOFIA? | 15 |
| 1.1 GÊNESE DA FILOSOFIA DE HUGO DE SÃO VÍTOR: DO PERÍODO CLÁSSICO AO MEDIEVO | 16 |
| 1.1.1 A filosofia em seus primórdios | 16 |
| 1.1.2 Aspectos da filosofia do século XII | 22 |
| 1.2.1 O <i>Didascalicon</i> de Hugo de São Vítor: a arte de estudar | 26 |
| 1.2.2 Os quatro conceitos de filosofia | 29 |
| 2 A PRIMEIRA COISA A SER BUSCADA É A SAPIÊNCIA..... | 35 |
| 2.1 MUITOS RAMOS DE UMA MESMA ÁRVORE: A DIVISÃO DA FILOSOFIA | 35 |
| 2.1.1 As quatro partes da Filosofia | 36 |
| 2.1.2 O conceito de Sapiência | 46 |
| 2.1.3 As artes mecânicas como parte da Filosofia | 54 |
| CONCLUSÃO..... | 59 |
| REFERÊNCIAS..... | 63 |

INTRODUÇÃO

Normalmente quando um bebê nasce, já sabemos que é um ser humano; quando uma semente brota já prevemos o que ela se tornará. No nascimento da filosofia, no entanto, sua identidade não ficou clara e distinta imediatamente, foi necessário problematizar qual a sua verdadeira essência. Platão e Aristóteles tiraram as suas conclusões, que foram sucedidas por outras inúmeras propostas de diversas escolas filosóficas que nasciam. Por isso, no meio de tantas propostas da identidade da filosofia, vê-se que algo há que impede de reconhecer com uma percepção evidente sua natureza. Possivelmente, cada escola e pensador que propôs uma solução para esse problema julgou estar descrevendo a verdadeira face da arte das artes, ou então julgou o homem ser incapaz de vislumbrar a face desta ciência. Assim, é no meio deste cenário que pode-se perguntar: filosofia, o que tu és?

A pergunta sobre a essência da filosofia é importantíssima. Primeiramente, porque a filosofia é uma prática, uma atividade humana, e as práticas se distinguem entre si através de sua natureza e da finalidade da realização. Por isso, sem saber o que é a filosofia, como garantir que o que se está praticando é de fato filosofia? Depois, se essa questão não é explorada, simplesmente se contentado em não se posicionar no debate, pode-se cair em dois erros: o erro de não compreender o que é a filosofia, que pode levar a efeitos desastrosos, limitando ou impedindo o ato de filosofar; ou então, em segundo lugar, ao erro de tomar partido de alguma das escolas sem ter refletido sobre a questão em si, apenas aceitando irrefletidamente o que foi pensado por outros – postura que, logicamente, não quer opor-se à tradição filosófica, pois deve ser entendida como reflexão unida à humildade de saber que outros podem já ter alcançado verdades, mas que serão capazes de alimentar o espírito daqueles que as escutam apenas na medida em que eles são capazes de “mastigar e engolir”, através do ato da reflexão.

Fica evidente que a postura mais sensata para iniciar a reflexão do problema da identidade da filosofia é escutar o que a história do pensamento legou ao presente, a fim de refletir por si, qual de fato é a argumentação mais plausível. Porém, esse intento é grandioso, porque já se passaram quase 2500 anos desde a fundação da filosofia, por isso, convém tomar um autor em específico, a fim de escutar como ele

descreve a face da filosofia. Convém, além do mais, tomar um autor que seja capaz de contribuir positivamente na resolução da problemática, que seja um autor que Schopenhauer descreve como um grande espírito:

Basta nos lembrarmos de que, em geral, quem escreve para os tolos encontra sempre um grande público, a fim de que nosso tempo destinado à leitura, que costuma ser escasso, seja voltado exclusivamente para as obras dos grandes espíritos de todos os tempos e povos, para os homens que se destacam em relação ao resto da humanidade e que são apontados como tais pela voz da notoriedade. Apenas esses espíritos realmente educam e formam os demais. Quanto às obras ruins, nunca se lerá pouco quando se trata delas; quanto às boas, nunca elas serão lidas com frequência excessiva. Livros ruins são veneno intelectual, capaz de fazer definhar o espírito. Para ler o que é bom uma condição é não ler o que é ruim, pois a vida é curta, o tempo e a energia são limitados (SCHOPENHAUER, 2005, p. 133).

Tendo em vista o critério de estudar a temática através de um pensador relevante, escolheu-se Hugo de São Vítor, grande escolástico do século XII, que escreveu uma obra para iniciar os estudantes na filosofia, o *Didascalicon*: da arte de ler, obra finalizada em 1127. O filósofo nasceu na Saxônia, em 1096, indo posteriormente à Paris, para estudar na renomada escola fundada por Guilherme de Champeaux: a Escola de São Vítor, que foi uma escola anexa à abadia de São Vítor, fundada por Champaux, onde os monges viviam conforme a regra dos Cônegos Regulares de Santo Agostinho.

Hugo também se tornou cônego, dedicando-se a uma vida voltada à contemplação e ao estudo, posteriormente se tornou bispo e cardeal, falecendo em 1140. Destacou-se de tal modo que São Boaventura (*De reductione artium ad theologiam*, 5) o eleva a patamares de grandes homens como Santo Agostinho, São Gregório, Santo Anselmo e São Bernardo. Além disso, Hugo se destacou como filósofo, teólogo, hermenêuta da Sagrada Escritura, místico, cartógrafo do saber, gramático e geômetra (MARCHIONNI, 2001, p. 25). Não obstante, Hugo teve grande relevância como professor e diretor da Escola de São Vítor; escreveu 48 obras (podendo chegar a 56, se considerarmos as obras de autoria duvidosa) sobre diversos assuntos, dentre as quais se destacam o *Didascalicon* e a *De Sacramentis Christianae Fidei*, que foi a primeira obra organizada no estilo de *summa*, que se tornou tão famoso através de Santo Tomas de Aquino e sua *Summa Theologiae*.

A pesquisa nasceu dos questionamentos suscitados pela dificuldade que se encontra na história da filosofia em afirmar a identidade dessa ciência, pois vê-se que

do período clássico ao contemporâneo, essa ciência já foi pintada de diversas formas. Levando em consideração que para definir uma ciência deve-se saber qual sua essência, a fim de distingui-la das demais, perguntava-me qual a essência da filosofia, o que faz ela ser o que é e não ser outra coisa? Seria automático fazer filosofia ou seria possível, ao tentar filosofar, realizar outra coisa, como antropologia, ou sociologia?

Não obstante, a necessidade de solucionar esse problema se torna mais radical, pois sendo Católico Apostólico Romano e frade Ordem dos Frades Menores, já recebi do ensinamento eclesiástico inúmeras lições sobre bem, verdade, ser, finalidade da vida e tantas outras questões que são trabalhadas filosoficamente há gerações. Portanto, quando iniciei os estudos de filosofia eu já tinha pré-concebidas muitas noções, que, no entanto, eu não saberia explicitá-las filosoficamente, mas também não estava disposto a deixá-las, dispunha-me mais a procurar compreendê-las, sem impedir que elas fossem contestadas por opiniões divergentes. Cheguei no bacharelado de filosofia acreditando que a Verdade existe, e esforcei-me por compreender como ela pode existir e porque tem que existir.

No entanto, mais importante que saber provar filosoficamente a existência da Verdade, era saber o que é a filosofia, e se é compatível para um cristão fazer uso dela, para depois poder construir um conhecimento filosófico ordenado sobre as coisas. Não apenas isso, mas também precisava descobrir se a filosofia era compatível com a busca da Verdade, e se fosse compatível, o que ela é? Ser cristão e fazer filosofia é trair a filosofia, que só se adequaria às mentes que não acessaram a Revelação? Em suma: o que é a filosofia e como um cristão pode ser filósofo sem trair a essência do cristianismo e da filosofia?

Todos esses questionamentos me levaram a desejar estudar o *Didascalicon* de Hugo de Vítor, com a finalidade de compreender qual a identidade da filosofia que ele, sendo cristão, propõe, e qual é a essência do ser filósofo?

No *Didascalicon* a filosofia aparece como *“amor sapientiae, quae nullius indigens, vivax mens et sola rerum primaeva ratio est”*¹ (*Didascalicon* II, c. I, §1), mostrando que a Sapiência não é um conhecimento técnico, ou um saber que foi formado e que subsiste por causa do intelecto humano, mas que é a mente viva de

¹ Amor à Sapiência, que, não carecendo de nada, é mente viva e a única razão primordial das coisas. Tradução de Marchionni.

Deus e a razão primordial de todas as coisas. Assim, a filosofia seria o desejo, o zelo e a união com a Sapiência, que é a origem do homem e do mundo, proporcionando ao homem o conhecimento do princípio de onde foi originado, o que o possibilita conhecer a si mesmo. O filósofo é uma pessoa que ama a Sapiência, por isso procura conhecê-la, estudando com zelo, para poder alcançar a união com ela.

O primeiro capítulo se caracteriza por uma incursão à origem da filosofia, através da explicitação do conceito de filosofia proposto pelos fundadores, Platão e Aristóteles. Em seguida, analisou-se a definição estoica de filosofia, por ser uma escola que influenciou profundamente o medievo. Por fim, o capítulo termina direcionando ao século XII, a fim de compreender as características próprias desse século que poderiam ter influenciado e propiciado o pensamento de Hugo de São Vítor, terminando na consideração dos quatro conceitos de filosofia apresentados no *Didascalicon*. Nomeado de “da fonte à torrente”, esse capítulo, em suma, procura entender a identidade da filosofia na sua origem e aquela proposta por Hugo, com o interesse de poder evidenciar sua ligação com os gregos.

O segundo capítulo é um aprofundamento da investigação da identidade da filosofia como Hugo a desenha. Primeiramente, elucidou-se a divisão quaternária da filosofia em teórica, prática, mecânica e lógica. Depois, deteve-se na problematização do que é a Sapiência que Hugo propõe como objeto de amor do filósofo, evidenciando a diferença em sabedoria humana e Sabedoria Divina (Sapiência), mostrando que a Sapiência aparece como o ente que gera todas as coisas mas que não tem princípio. Assim, o mundo e o homem aparecem como criações da Mente Divina, podendo ser conhecidos porque toda a criação de Deus foi feita conforme uma *Ratio*, que pode ser compreendida pelo homem que possui uma alma racional. Enfim, a última consideração aponta a novidade das artes mecânicas como parte da filosofia, indicando as razões de Hugo ao fazer essa inclusão, nunca antes feita.

Procurou-se realizar a investigação através da leitura do *Didascalicon* acompanhada do estudo de comentadores. Também realizou-se a leitura de outras obras de Hugo, a fim de poder ter uma visão mais ampla de seu pensamento. Quando o *Didascalicon* é citado de forma direta no corpo do texto, optou-se por apresentar o texto em latim, trazendo a tradução na nota de rodapé. Foram usadas duas traduções, uma de Roger Campanhari, publicada pela editora Kírion em 2018, e outra de Antonio Marchionni, publicada pela Editora Vozes em 2001. Nas notas de rodapé que portam

as traduções, juntamente com o texto, virá especificado adiante o nome do tradutor. A escolha da tradução para cada trecho se pautou na busca de maior fidelidade ao texto em latim, levando em consideração cada citação.

Por fim, através da elucidação do pensamento de Hugo de São Vítor sobre a identidade da filosofia, procurou-se pintar a face da filosofia conforme ela a descreve no Didascalicon, sondando o sentido de suas expressões, esclarecendo o que consiste dizer: *philosophia est amor sapientiae*.

1 DA FONTE À TORRENTE: O QUE TU ÉS, FILOSOFIA?

*Não decretamos a existência da filosofia;
reconhecemo-la, descobrimo-la como fato humano
imprescritível, irrecusável.*
NUNES, 2020, p. 59

A presente investigação se assemelha à aventura de um homem que pretende desvendar o curso de um rio que lhe parece já ter corrido muito, afastando-se de sua fonte. Apesar de saber que do lugar em que se encontra até a fonte terá muitos obstáculos pretende chegar até a origem das águas e saber por onde elas escorreram, quantas barreiras transpuseram, e mapear o seu trajeto.

Pretende-se conhecer o conceito de filosofia de Hugo de São Vítor, que enunciou ser a filosofia o amor pela Sapiência (*Didascalicon* II, I, §1)². No entanto, este filósofo é um homem do século XII, que pratica uma arte fundada pelo povo grego, mais de quinze séculos antes de seu nascimento. Além disso, há um longo escorrer de tempo entre a fundação da filosofia e suas atividades na famosa Escola de São Vítor, em Paris, escorrer este que teve altos e baixos, curvas e desvios. No meio de tudo isto ele se encontrava, filosofando no século XII.

Não é de nosso interesse afirmar que um homem é escravo de seu tempo, como se os frutos intelectuais de Hugo não brotassem de um esforço pessoal, mas afirmar que ele foi um pensador situado no tempo, que tem antes de si uma extensa tradição filosófica e as inquietações e problemas de seu próprio século, assim como exprime Sertillanges (2019, p. 35):

Eis-me aqui, homem do século XX, contemporâneo de um drama permanente, testemunha de convulsões talvez nunca vistas neste globo desde que os montes surgiram e os mares foram lançados em seus abismos. Que devo fazer por este século arfante?

Assim, tornar-se e ser filósofo é realizar um movimento de diálogo com aqueles que nos precederam sem estar apartado das interpelações de seu próprio século. Os antigos impulsionam-nos, instruem-nos, pois “o espírito humano não pode ir muito longe sem esta condição: que o pensamento do indivíduo una-se com

² Método de referência: *Nome da obra* + número do livro, número do capítulo, número do parágrafo. A tradução colocada na nota de rodapé virá acompanhada do nome do tradutor, pois dispõe-se de duas traduções para o português. A ordenação dos parágrafos seguida para referenciar é a do texto em latim da edição de Marchionni.

paciência e em silêncio ao pensamento das gerações” (RODIN *apud* SERTILLANGES, 2019, p. 141). Portanto, pretende-se realizar uma incursão com o interesse de conhecer o momento que gerou Hugo de São Vítor, como estabeleceu-se sua ligação com a tradição que o precedeu e compreender quais as suas contribuições acerca do conceito de filosofia.

1.1 GÊNESE DA FILOSOFIA DE HUGO DE SÃO VÍTOR: DO PERÍODO CLÁSSICO AO MEDIEVO

Retornando à alegoria proposta, pode-se dizer que estudar esta temática não pode prosseguir sem primeiro entender o que é a filosofia em sua fonte, em seu momento fundacional. Isto se torna mais relevante quando evidencia-se que nosso estudo se dirige diretamente a conceituação de filosofia feita por Hugo, que situa-se já distante da fonte. No entanto, mesmo que as águas de um rio se afastem de seu nascedouro, elas continuam pertencendo ao rio e o formam. Mas é inevitável dizer que as torrentes podem ser poluídas durante o seu curso, introduzindo-se elementos estranhos à água da nascente. Convém perguntar-se: O que será isto que os gregos geraram e nomearam de filosofia? Além disso, a filosofia, ao se desenvolver, perdeu-se ou continua ainda fiel à sua natureza? Poderíamos nos perguntar ainda: seria possível definir o que é a filosofia?

Assim, vê-se quão complexo é analisar a conceituação de filosofia de Hugo, já que ele não se coloca como fundador da arte, mas como continuador da tradição que herdou de seus antepassados. Por isso, antes de nos determos na conceituação de filosofia de Hugo, voltaremos nossa atenção ao pensamento de Platão, Aristóteles e dos Estoicos, com a intenção de compreender melhor o início da filosofia.

1.1.1 A filosofia em seus primórdios

A filosofia antiga iniciou com os cosmológicos, no entanto, o título de fundador é dividido por Platão e Aristóteles porque, segundo Nunes (2020, p.24), apesar de não terem sido os iniciadores da arte, foram eles que fixaram os seus contornos.

Foi no seio de uma civilização, língua e literaturas maduras que surgiram as obras magníficas dos espíritos amadurecidos de Platão e Aristóteles, após o expoente da maturidade intelectual e moral que foi Sócrates. Clássicas são essas obras que representam o máximo possível da inquietação intelectual do amor à verdade e à beleza, o ideal do *kalós kai agathós* do povo grego, da gente ateniense (NUNES, 2020, p.22, grifos do autor).

Após o momento fundacional a filosofia entrou num momento formacional, já que não nasce totalmente realizada em suas potencialidades, mas como uma semente que carrega em si diversas capacidades a serem desenvolvidas. A filosofia aparece, assim, semelhante a um edifício, que teve suas bases lançadas por Platão e Aristóteles, mas que é erguido pelo esforço de inúmeros outros homens que exercitam seu intelecto, acrescentando novos problemas e soluções, quais tijolos que elevam um edifício.

Por conseguinte, a existência da problematização sobre a identidade da filosofia mostra que sua face não é evidente, parece coberta por um véu. Assim, através da problematização filósofos de todos os séculos procuraram erguer o véu desta face e conhecer qual a verdadeira identidade desta ciência. Tem relevância para entender as contribuições de Hugo de São Vítor para esta problematização os conceitos de filosofia de Platão, de Aristóteles e dos Estoicos - estes últimos tem relevância pois Hugo é influenciado pelo conceito de filosofia que eles enunciaram e os dois primeiros por serem os fundadores e delimitadores da arte filosófica.

Primeiramente, Platão defende a filosofia como “a ciência mesma, aquilo que realmente é ciência, é daquela verdade mesma, daquilo que realmente é verdade” (*Parmênides*, 134a); o filósofo é aquele que realiza uma atividade intelectual que procura a essência das coisas (*República*, V, 476d) e a filosofia tem origem no espanto que a realidade lhe causa (*Teeteto*, 155d).

Em segundo lugar, como que delimitando mais ainda o entendimento de filosofia de Platão, deve-se entender que para ele o filósofo não é sábio, pois “a designação de sábio, Fedro, parece-me excessiva, pois não se aplica senão aos deuses, mas a designação de filósofo [...] seria mais apropriada” (*Fedro*, 278d). A filosofia é definida por Platão como um caminho de saída da ignorância em direção

da sabedoria, mas essa tão almejada posse não pode acontecer definitivamente nesta vida, pois a posse definitiva está reservada para após a morte (*Fédon*, 67d).

O trilhar este caminho em direção à sabedoria transforma-se para Platão em uma preparação para a morte que permite a entrada em uma vida feliz de posse da pura sabedoria. Portanto, enquanto o homem vive nunca poderá possuir a sabedoria, e este possuir não quer dizer que não pode abarcar um pouco dela, como se não pudesse conhecer nada, mas tem o sentido de que, enquanto vive esta vida corporal, o conhecimento do homem será limitado, pois a união total com a sabedoria acontece apenas após a morte.

No que se refere à divisão da filosofia não se pode dizer que Platão a tenha realizado formalmente, mas sim implicitamente, dividindo-a em física, ética e lógica:

Segundo Ritter e Preller, Platão teria adotado implicitamente essa divisão da filosofia, como se pode depreender dos argumentos dos diálogos: o *Timeu* trata da física, a *República* e as *Leis* da ética, enquanto o *Parmênides*, o *Teeteto* e o *Sofista* lidam com a dialética. [...] essa opinião já fora esposada por Albino no período helenístico (NUNES, 2020, p. 420).

Além destes pontos, um último aspecto da filosofia de Platão que merece atenção é a preocupação deste com a teologia. Este pai da filosofia, foi o primeiro cunhar a ideia de teologia, tendo levantado questões sobre Deus.

Pois não diz Platão no *Teeteto* que incube ao homem evadir-se deste mundo para o superior, assimilando-se a Deus na medida do possível? E não retorna nas *Leis* ao tema da *omoiôsis theôi*, quando ensina que Deus deve ser a medida de todas as coisas e que para tornar-se como tal Ser é preciso ser temperante, pois o temperante é amigo de Deus por ser semelhante a Ele? (NUNES, 2020, p. 43).

Em síntese podemos perceber que para Platão a filosofia é a procura da visão da realidade, que está além das coisas sensíveis aos sentidos, e que está acessível ao homem pela sua capacidade racional. A figura do filósofo aparece pintada como um homem que procura a sabedoria, este conhecimento da realidade em sua essência, motivado pelo amor que sente por aquilo que contempla. Apesar de conhecer algo, o filósofo apenas terá a posse da pura sabedoria depois de sua morte. A filosofia assume, assim, um caráter de preparação para a morte e torna-se uma proposta de abertura dos olhos do espírito para a contemplação da realidade em si, e

é tida como uma ciência que tem três partes: física, ética e lógica – incluindo em suas partes uma preocupação de ordem teológica.

Visto a visão de Platão sobre a filosofia, passemos agora a seu aluno Aristóteles, que na sua obra *Metafísica* definiu a filosofia como “ciência da verdade, porque o fim da ciência teórica é a verdade [...]. Ora, não conhecemos a verdade sem conhecer a causa” (*Metafísica*, II, 993b, 20). A investigação filosófica para ele não está apenas no inteligível, mas também no sensível e encontra-se de modo diverso em cada um destes aspectos. A ciência da verdade se dedica ao sensível, que é mutável, mas continua podendo apresentar a verdade. Já as causas das coisas sensíveis que passam são verdades por excelência, pois são seres eternos, que são verdadeiros eternamente, não mudam e não tem causa (*Metafísica*, II, 993b, 25).

Por conseguinte, a filosofia, apesar de se dedicar ao sensível, tem em sua razão de ser, para Aristóteles, na dedicação as causas eternas. Isto se evidencia na distinção que ele faz entre dois termos: *phronêsis* e *sophia*. O primeiro, diz Nunes (2020, p. 46), é o conhecimento de ordem prática e não goza de status científico. Já o segundo, é o conhecimento racional e teórico, que se preocupa com as causas, tendo aspecto universal e que pode ser dito científico. Por isso ele afirma na *Metafísica* que “a ciência do filósofo tem por objeto o ser enquanto ser, considerado universalmente e não só em suas partes” (*Metafísica*, XI, 1060b, 30).

Semelhante a Platão, Aristóteles descreve o filósofo como um homem que toma a atitude de fugir da ignorância e que trilha um caminho a procura do saber. Para Aristóteles o saber é amável por si mesmo e não é procurado com intenções práticas (*Metafísica*, I, 982b, 10-20). Além disso, filosofia e sabedoria na maioria das vezes são usadas indistintamente pelo filósofo, sendo distinguidas apenas quando há a intenção de mostrar que a primeira é o estado inicial e a segunda o estado acabado (NUNES, 2020, p. 48).

No que se refere à divisão da arte filosófica, Aristóteles afirma que ela se reparte em teórica, prática e poiética (*Metafísica*, VI, 1025b, 25). Esta última trata das produções das artes humanas, tomadas no sentido mais amplo de produções humanas realizadas através de técnicas. A segunda das ações humanas enquanto dirigidas ao bem, finalidade de todas as ações humanas. Já a teórica trata dos diversos seres que existem, e se divide em filosofia primeira, matemática e física.

Mas se existe algo eterno, imóvel e separado, é evidente que o conhecimento dele caberá a uma ciência teórica [...] a filosofia primeira refere-se às realidades separadas e imóveis. [...] Com efeito, se existe o divino, não há dúvida de que ele existe numa realidade daquele tipo. E também não há dúvida de que a ciência mais elevada deve ter por objeto o gênero mais elevado de realidade. Enquanto as ciências teóricas são preferíveis às outras ciências, esta, por sua vez, é preferível às outras duas ciências teóricas (*Metafísica*, VI, 1026a, 10).

Assim como Platão, a filosofia de Aristóteles se reveste de preocupações teológicas. Para ele o conhecimento do que é imóvel, eterno e separado é a filosofia primeira, pois a filosofia tem em sua mais alta aspiração o desejo de conhecer as causas, encontradas apenas nos seres eternos e imateriais, que não tem causa e são a causa de tudo quanto existe.

Por fim, a filosofia é tida por Aristóteles como a ciência da verdade, que se dedica ao conhecimento das causas e o filósofo aquele que aspira a sabedoria repelindo a ignorância. Para o filósofo essa busca se converte em amor que almeja o conhecimento não para realizar obras, mas pela doçura do conhecimento em si. Além disso, ele divide a arte filosófica em três partes: teórica, prática e poiética, sendo a teórica a parte mais importante, por conter a Filosofia primeira, também nomeada de teologia, parte que trata dos seres eternos, que são a causa de tudo que existe. Convém ressaltar também que a Lógica não figura como parte da filosofia, mas aparece apenas como metodologia.

Da concepção de filosofia dos fundadores, em seu período clássico, passemos agora ao período helênico, pois diz Nunes que “o pensamento medieval é mais tributário desse período que da Grécia Clássica” (NUNES, 2020, p. 52). Essa dívida não é apenas no sentido que os medievais tenham ignorado o período clássico e adotado apenas aspectos da filosofia das escolas surgidas neste período. O sentido que Nunes dá ao expressar-se assim é de que os acontecimentos deste período são muito importantes para o medieval. Dentre eles, pode-se enumerar o encontro da revelação cristã com a filosofia grega, a fundação da escola de Alexandria, o debate entre os cristãos sobre a adesão ou rejeição da arte filosófica e os delineamentos da aceitação da filosofia entre os adeptos dos ensinamentos de Jesus.

No entanto, o aspecto mais relevante deste período para esta investigação é o conceito de filosofia enunciado pelos estoicos, que influenciou muitos autores medievais e também Hugo de São Vitor. Estes afirmaram que a filosofia é o conhecimento das coisas humanas e divinas.

Mas quem pode negar que a sabedoria de fato seja antiga não só na existência como também no nome? Esse belíssimo nome era a ela atribuído, entre os antigos, pelo conhecimento das coisas divinas e humanas, tanto dos princípios, das causas e de qualquer coisa. E assim também aqueles sete, que assim eram tanto considerados como chamados pelos gregos sofoi e pelos nossos, sábios (Cícero, *Tusculanae Disputationes*, V, 7).

Esta afirmação deve ser entendida dentro de sua finalidade, pois diferente de Aristóteles, os estoicos defendem que o conhecimento tem finalidade prática. Por isso, cada parte da filosofia direciona-se à uma finalidade prática. Eles a dividiram três partes: física, que se volta ao conhecimento do mundo; a ética, que se volta ao conhecimento dos atos humanos e a lógica que trata do pensamento. Além disso, os estoicos definiram-se com o título de sábios ao invés de filósofos.

Na elaboração de seu conceito de filosofia, Cícero apresenta a história da filosofia como um lidar com a sabedoria, que consiste no interesse de conhecer todas as coisas, especialmente seus princípios e causas. Por conseguinte, ele continua a tradição filosófica dos fundadores quando ao lado do conhecimento das coisas humanas propõe como objeto da filosofia o conhecimento das coisas divinas, relacionando a filosofia a preocupações filosóficas.

Em suma, a filosofia clássica apresenta um traço marcante: “insistia-se na especulação racional, na pura obra do intelecto como um traço marcante da filosofia” (NUNES, 2020, p. 72). O homem, dotado de uma natureza racional, realiza um esforço para conhecer a realidade, que para Platão estava no mundo inteligível e para Aristóteles se manifestava no conhecimento verdadeiro das causas. A filosofia aparece como um ato humano.

Nunes (2020, p. 59) ressalta um aspecto importante quanto à questão da formação da filosofia, quando descreve a visão de Sexto Empírico sobre os céticos, mostrando como eles negam a possibilidade de alcance da verdade e procuram abalar as argumentações, mas mesmo assim são tidos como uma das principais escolas. À luz do que ficou demonstrado sobre os fundadores da filosofia pode-se entender esta proposta como uma anti-filosofia. Entretanto, o aspecto da filosofia como uma especulação racional, faz com que esta escola seja enquadrada na filosofia.

Dizemos ainda que a finalidade do cético é a tranquilidade em questões de opinião e a sensação moderada quanto ao inevitável. Pois o cético, tendo começado a filosofar com o objetivo de decidir acerca da verdade ou falsidade das impressões sensíveis de modo a alcançar com isso a tranquilidade,

encontrou-se diante da equipolência nas controvérsias, e sem poder decidir sobre isto, adotou a suspensão, e, em consequência da suspensão seguiu-se, como que fortuitamente, a tranquilidade em relação às questões de opinião. Pois aqueles que mantêm uma opinião sobre se algo é por natureza bom ou mau estão sempre perturbados (Sexto Empírico, *Hipotyposes Pyrrhoniae*, I, 12).

Por conseguinte, esta questão do ceticismo conduz a uma problematização mais complexa: a filosofia pode existir até mesmo quando a verdade e o conhecimento são tidos como inalcançáveis? Essa hipótese é válida quando entende-se que o traço fundamental da filosofia é a especulação racional. No entanto, se a verdade puder ser alcançada como defenderam os fundadores, negá-la seria um erro. Logo, mesmo que neguem o alcance da verdade, os céticos são tidos como filósofos por realizarem isso de modo filosófico.

Por fim, após a elucidação dos conceitos de filosofia elaborados pelos fundadores, compreendido a importância do período helênico para a formação do pensamento medieval e informado sobre o conceito estoico de filosofia, pode-se ter uma visão mais ampla da fonte da filosofia e do início do seu percurso histórico. Omite-se a dedicação de uma parte específica desta monografia aos séculos seguintes ao período helênico, já passando para a análise do século XII e da filosofia de Hugo de São Vítor.

1.1.2 Aspectos da filosofia do século XII

Para as águas desta torrente poderem alcançar o século XII tiveram que vencer muitas barreiras que foram construídas para impedir o seu curso. A verdade é que quando elas chegaram até as cidades em que existiam conhecedores da revelação cristã encontraram alguns que as julgaram digna de ser bebida, já outros as julgaram a água mais maléfica a um seguidor da “filosofia” de Cristo. João Escoto Eriúgena afirmou que “ninguém entra no céu, a não ser pela filosofia” (ERIÚGENA apud NUNES, 2020, p. 185) enquanto São Bernardo afirmou que “philosophorum ventosa loquacitas non bonus imber, qui sterilitatem magis intulit quam

fertilitatem”³(São Bernardo, *Sermones Super Cantica Canticorum*, Sermo 58, 7), ambos são demonstrativos de que dentro da Igreja existia uma discussão sobre a validade do uso da filosofia. Os opositores do uso desta arte grega procuraram impedir o curso do rio, julgando que assim favoreceriam a verdadeira doutrina, vinda do alto e entregue aos homens diretamente pelas mãos divinas.

Juntamente com Nunes (2020, p. 130), pode-se evidenciar que o embate tinha dois lados; um primeiro dito eclesiástico - que Nunes define como um grupo que valoriza apenas os estudos sagrados, que toma a filosofia pagã como algo contrário à verdadeira filosofia que é a de Cristo – e um segundo nomeado transmissores – estes caracterizados como valorizadores da cultura antiga, valorizando este conhecimento profano ao lado do conhecimento sagrado e procurando concilia-los.

Por conseguinte, o século XII é marcado por um renascimento da valorização da cultura profana:

Essa mentalidade rigorosamente clerical, para a qual só valem os estudos sagrados, irá prevalecer absolutamente, do século VI até ao século XII. A partir deste último, assim me parece, é que realmente começarão a surgir novas perspectivas. Desde o século XII processar-se-á gradativamente a recuperação da cultura antiga dos gregos e se afirmará a revalorização das categorias profanas da existência (NUNES, 2020, p. 130).

Neste século começou a florescer uma civilização marcada pela valorização da cultura grega, romana e céltica acompanhadas da luz do evangelho, que possibilitaram os grandes feitos do século que o sucedeu. Dentre as causas deste renascimento, a atividade de tradutores teve grande relevância, pois permitiu que chegassem ao ocidente obras clássicas dos gregos e também dos árabes.

Além disso, é importante reconhecer as limitações dos pensadores deste período, já que suas bibliotecas contavam apenas com uma parte do Timeu, traduzida por Galcídio, o restante da doutrina de Platão receberam por meio do neoplatonismo presente nas obras de Macróbio, Boécio e Pseudo-Dionísio. Aristóteles era conhecido apenas através das Categorias e da Interpretação, sua Metafísica e demais obras ainda não haviam chegado ao ocidente (NUNES, 2020, p. 224-225).

No décimo segundo século os transmissores tornam-se mais fortes, e são eles que plasmam o aspecto da filosofia neste século. Nas diferentes definições de filosofia

³ A eloquência ventosa dos filósofos não é uma boa chuva, que mais trouxe esterilidade do que fertilidade. Tradução nossa.

enunciadas neste período temos a influência dos Santos Padres e outros homens que valorizaram a cultura profana, dentre eles tem maior importância Boécio.

Não obstante, a cultura intelectual da idade média está sintetizada no “*fides quaerens intellectum*” (SANTO ANSELMO apud VAZ, 1998, p. 82) de Santo Anselmo, mostrando que os cristãos tem como atitude legítima procurar aprofundar o conhecimento da fé através do uso da razão. É esse o movimento realizado pelos escolásticos, que possuíam “uma inquieta consciência crítica, na qual a fé é sempre posta em discussão consigo mesma pela mediação da razão” (VAZ, 1998, p. 82). Logo, o pensador medieval possuía uma inquietação, que é originada no interesse de entender mais profundamente os conhecimentos advindos da revelação.

Assim, os medievais desenvolveram a sacra teologia, ciência que tem como objeto a revelação divina, e que à partir desta, procura iluminar o mundo criado, e também cultivaram a filosofia, que de modo diverso à sacra teologia, parte das coisas criadas em direção à causa primeira. A maior diferença entre estas duas ciências reside no fato de que a natureza da filosofia é operar através da razão, que não pode alcançar a revelação, mas a sacra teologia, que age guiada pela fé revelada, pode utilizar da filosofia para “facilitar à inteligência a aceitação da verdade religiosa” (GILSON, 2021, p. 22), e esta é justamente uma das finalidades do uso da filosofia na escolástica.

Era necessário existir para a salvação do homem, além das disciplinas filosóficas, que são pesquisadas pela razão humana, uma doutrina fundada na revelação divina. Primeiro, porque o homem está ordenado para Deus, como para um fim que ultrapassa a compreensão da razão, como diz Isaías: “O olho não viu, ó Deus, fora de ti, o que preparaste para aqueles que te amam”. Ora, é preciso que o homem, que dirige suas intenções e suas ações para um fim, antes conheça este fim. Era, pois, necessário, para a salvação do homem que estas coisas que ultrapassam sua razão lhe fossem comunicadas por revelação divina. Até mesmo com relação ao que a razão humana pode pesquisar a respeito de Deus, era preciso que o homem fosse também instruído por revelação divina. Com efeito, a verdade sobre Deus pesquisada pela razão humana chegaria apenas a um pequeno número, depois de muito tempo e cheia de erros. No entanto, do conhecimento desta verdade depende a salvação do homem, que se encontra em Deus. Assim, para que a salvação chegasse aos homens, com mais facilidade e maior garantia, era necessário fossem eles instruídos a respeito de Deus por uma revelação divina (Santo Tomás de Aquino, *Summa Theologiae*, I, q.1, a.1, Resp.).

Santo Tomás justifica a necessidade da existência da sacra teologia justamente pelo fato de o homem possuir uma finalidade que ele não pode conhecer

através da razão, tornando-se necessário que Deus revele ao homem esse fim, e essa revelação é o objeto de estudo da ciência sagrada, que não se desenvolve, apesar disso, sem o auxílio da filosofia. Ademais, essa união entre a sacra teologia e a filosofia só foi possível porque a própria filosofia nasce e se desenvolve como uma teologia, pois os pré-socráticos, Platão, Aristóteles, os Estóicos e quase que a totalidade dos antigos dão centralidade ao problema teológico, de tal forma que “a filosofia é, desde o início, *teologia*, expressão racional do *theion*, do divino” (VAZ, 1998, p. 74, grifos do autor).

A partir disso, pode-se questionar: de que modo se relacionaram filosofia e sacra teologia no período medieval? Poderiam estas duas ciências conviverem pacificamente? A resposta a essas objeções se encontra numa analogia com a simbiose – processo em que seres de espécies diferentes se associam e tem mútuo benefício com essa relação. Essa simbiose fornece à sacra teologia uma estruturação racional, possibilitando maior compreensão da fé, e à filosofia possibilita novos problemas. Assim, essa simbiose não é prejudicial a nenhuma das partes, antes de tudo, é necessário que ambas alcancem suas finalidades específicas, apoiando-se mutuamente, por isso diz: “É preciso que a filosofia esteja aí presente do modo como ela é em si mesma, condição indispensável para que o Cristão possa utilizá-la. Mas também é preciso que esta filosofia viva numa espécie de simbiose com a fé cristã” (GILSON, 2021, p. 195).

Por conseguinte, não se pode compreender a idade média sem perceber a relação desses com a sacra teologia, pois ela foi “o universo intelectual dentro do qual se moveram as elites pensantes da Idade Média e desenvolveu-se a cultura letrada medieval” (VAZ, 1998, p. 71). Além do mais, também não se pode conhecer o homem medieval sem conhecer a valorização que tinham pela ciência filosófica, para que não se pense que predominava entre eles a opção cega pela revelação, tapando os ouvidos à voz da razão.

Enfim, a cultura medieval não é uma traição à tradição filosófica grega, mas antes considerou-se herdeira do povo grego e procurou, a seu modo, contribuir para enriquecer o tesouro do conhecimento, pois “essa teologia medieval era, na realidade, portadora da cultura antiga incorporada à tradição da teologia cristã, e assumia conscientemente os seus direitos de herança” (VAZ, 1998, p.79).

1.2 A FILOSOFIA APRESENTADA PELO MESTRE VITORINO

Vê-se que as águas do rio, símbolo da filosofia, após quinze séculos de escoamento, conseguem chegar até Hugo de São Vítor e seus contemporâneos. O Mestre Vitorino, ao experimentá-la exprimiu-se: “*immortalis quippe animus sapientia illustratus respicit principium suum et quam sit indecorum agnoscit, ut extra se quidquam quaerat, cui quod ipse est, satis esse poterat*”⁴(*Didascalicon* I, c.I, §3), pois percebeu que sua água revela o homem ao homem, dá sentido à sua existência, ensina-o a tratar a vida com arte. Por isso, escreve o *Didascalicon de studio legendi* como uma forma de aproximar os estudantes das águas desta torrente, pois, assim como quem não sabe nadar não deve entrar em um rio para que não se afogue, também aquele que se aproxima da filosofia deve saber a forma de lidar com ela, para que não se perca na infinidade dos conhecimentos que podem ser assimilados.

1.2.1 O Didascalicon de Hugo de São Vítor: a arte de estudar

Por conseguinte, a elaboração do *Didascalicon de studio legendi*⁵ por Hugo de São Vítor em 1127 foi motivada pelo interesse de ensinar aos alunos o caminho que devem percorrer para realizar com êxito seus estudos. O próprio título da obra já indica isto, pois, de acordo com Brito (2021, p. 28) o nome vem do verbo grego *διδάσκει* que significa “coisas concernentes ao ensinar”, e o verbo *legere* remete tanto a ler quanto a estudar, ambas atividades que deverão ter abundante convivência no método proposto por Hugo. Com esta obra, Hugo ensinou os estudantes da Abadia de São Vítor, onde foi professor de diretor, a procurar o conhecimento através da leitura, demonstrando o que é a filosofia, quais são as suas partes, como pode o homem conhecer, quais são os inventores das artes, como proceder no estudo de

⁴ A mente imortal do homem, iluminada pela Sapiência, se volta para o seu princípio, e percebe quanto é inconveniente ao homem procurar coisas fora de si, uma vez que poderia ser-lhe suficiente aquilo que ele próprio é. Tradução de Marchionni.

⁵ Marchionni, em sua tradução elaborada em 2001, optou por traduzir apenas o subtítulo da obra, dando à tradução o título: *Didascalicon: da arte de ler*.

seus escritos e acrescentando ainda diversas orientações para que o estudante não fique perdido no meio da infinidade do conteúdo a ser apreendido.

Hugo defende que é através da leitura e da meditação que o homem chega ao conhecimento. No entanto, no *Didascalicon* Hugo trata principalmente da leitura, ocupando-se da meditação em seu posterior Opúsculo sobre o modo de aprender e meditar e também no posterior Opúsculo sobre a arte de meditar. Isto se dá, pois, para ele, o princípio do aprendizado dá-se com a leitura, sendo a meditação ocupação dos mais avançados. Assim, a leitura tem para ele tal importância que não se deve deixar de ler nada que seja honesto: “*prudens igitur lector omnes libenter audit, omnia legit, non scripturam, non personam, non doctrinam spernit*”⁶ (*Didascalicon* III, c.XIII, §5).

É importante notar que o acesso mais frequente a livros foi uma revolução ocorrida no século XII. Diversos fatores propiciaram uma maior possibilidade da cópia de livros, em quantidade tal que nunca antes os copistas haviam conseguido realizar:

O papel vindo da China via Toledo, o velino em pergaminhos finos, a tinta, a maiúscula carolíngia, a adoção da escrita em itálico e a caneta com ponta de feltro facilitaram nas oficinas dos copistas (*scriptoria*) a compilação de livros, que são encomendados por bibliotecas, juristas, mercadores e senhores (MARCHIONNI, 2001, p. 22, grifos do autor).

Os livros, antes escassos, se tornaram neste século mais acessíveis, permitindo a formação de uma cultura livresca, fazendo deste século um divisor de águas no modo de se estudar.

De acordo com Illich, do mesmo modo que a substituição dos ideogramas pelo alfabeto fenício no século VIII aC significou a primeira revolução cultural da humanidade, que deu o nascimento à filosofia grega, a cultura livresca do século XII representa a segunda revolução cultural da humanidade, que dá origem à Universidade. [...] É esta a época que o *Da arte de ler* de Hugo interpreta (MARCHIONNI, 2001, p. 22, grifos do autor).

Esta cultura livresca e o cultivo disciplinado dos estudos que floresceram nas diversas escolas deste século propiciaram ao século XIII uma base fecunda para que se erguesse e se tornasse o ápice do período escolástico. Partilha desta visão Monsenhor Hungonin, que no seu Ensaio sobre a fundação da Escola de São Vítor de Paris afirma: “O século XII prepara o século XIII [...] por um trabalho paciente,

⁶ O estudante prudente, portanto, ouve todos com prazer, lê tudo, não despreza escrito algum, pessoa alguma, doutrina alguma. Tradução de Marchionni.

iniciado e continuado no seio da solidão mais profunda, que alcançará seu mais alto ponto de perfeição nas obras de Alberto Magno, São Tomás de Aquino e São Boaventura” (HUNGONIN, 2019, p. 69).

Para alcançar seu intento, Hugo distribuiu em seis⁷ livros a exposição do caminho até a Sapiência, já que “*omnium expetendorum prima est sapientia*⁸, *in qua perfecti boni forma consistit*”⁹(*Didascalicon* III, c. XIII, §5). A importância da busca da Sapiência decorre do fato de que ela é a origem do mundo e do homem, e para que o homem se conheça precisa conhecer sua origem, a forma onde foi moldado (MARCHIONNI, 2001, p. 10).

Assim, a filosofia é apresentada como o amor pela Sapiência, “*quae nullius indigens, vivax mens et sola rerum primaeva ratio est*”¹⁰(*Didascalicon* II, c. II, §1). Logo, a filosofia é o caminho que o homem percorre até o conhecimento de sua origem, motivado pelo amor ao conhecimento. Além desta definição, Hugo apresenta mais três definições de filosofia, com a intenção de expor as nuances da arte filosófica.

Por fim, podemos elencar diversos pensadores como influenciadores da filosofia de Hugo: Pseudo-Dionísio, Cícero, Boécio, Platão, Fílon e Plotino (MARCHIONNI, 2001, p. 13). Destaca-se, acima de todos Santo Agostinho, como o pensador que mais o influenciou, já que

Hugo alimentou-se a tal ponto das ideias do bispo de Hipona que, ao lermos seus principais escritos dogmáticos, nos surpreenderemos de reencontrar, quase em cada página, certos pensamentos visivelmente emprestados deste Padre, embora o próprio Hugo nem sempre o percebesse (HUGONIN, 2019, p. 66).

⁷ A depender do editor podem ser sete, pois existem divergências quanto ao chamado Tratado dos Três Dias pertencer ao conjunto do *Didascalicon*. A Patrologia de Migne traz o *Didascalicon* composto por sete livros, em seu volume 176. No Brasil, as duas traduções existentes, a primeira realizada por Antonio Marchionni e a segunda feita por Roger Campanhari, trazem o *Didascalicon* com seis livros. Existe uma tradução do Tratado dos Três feita por Antonio Donato Rosa, presente na compilação “Princípios Fundamentais de Pedagogia”, que reúne alguns textos de Hugo traduzidos por Rosa. Tomaremos o Tratado dos Três Dias como uma obra complementar ao *Didascalicon*.

⁸ Hugo utiliza a palavra *sapientia* para se referir não a uma sabedoria prática, mas à Sabedoria Divina, à Mente de Deus, por isso, optamos em seguir a tradução de Marchionni para esta palavra, utilizando “Sapiência”, ao invés de simplesmente “sabedoria”, já que “o termo *sabedoria* não traduziria tal significado de *Sapientia*” (MARCHIONNI, 2001, p. 47).

⁹ De todas as coisas a serem buscadas, a primeira é a *Sapiência*, na qual reside a forma do bem perfeito. Tradução de Marchionni.

¹⁰ Que, não carecendo de nada, é mente viva e única razão primordial das coisas. Tradução de Marchionni.

Portanto, não deixando de lado nossa alegoria inicial, vemos que as águas deste rio já passaram por diversos terrenos, encontrando-se agora com este século que presenciou um renascimento na valorização da cultura profana amparada por uma evolução na forma da escrita e formação dos livros, permitindo que o conhecimento fosse mais acessível, o que coloca o *Didascalicon* como um mapa, capaz de guiar os amantes do saber nestas águas caudalosas da filosofia.

1.2.2 Os quatro conceitos de filosofia

Já no segundo capítulo do primeiro livro, Hugo apresenta a filosofia mostrando que ela recebeu este nome de Pitágoras, que “foi o primeiro a usar o termo e a chamar-se de filósofo” (Diôgenes Laêrtios, *De vitis dogmatis* I, 12), porque a palavra sábio tem sentido de posse, mas a palavra filosofia - amor pela sabedoria – dá maior ênfase na busca pela sabedoria, que dura por toda a vida, não existindo uma posse total, ao menos nesta vida. Logo, Pitágoras não achou conveniente que aquele que ama a sabedoria fosse chamado de sábio. Por conseguinte, isto é utilizado para demonstrar que a filosofia não pode apreender a verdade total, que está oculta, o que não impede o filósofo de nutrir por ela estima e procurar apreender dela cada vez mais, mesmo que não possa possuí-la totalmente.

No entanto, este capítulo aparece na obra como uma introdução ao assunto, já que Hugo se dedica de modo mais profundo à definição da filosofia no primeiro capítulo do livro segundo. Passaremos agora à análise deste capítulo realizando uma exposição sobre os quatro conceitos apresentados e a divisão de filosofia proposta pelo Mestre Vitorino, sem, no entanto, nos deter em aprofundar a exposição sobre seu conceito de Sapiência, intento que realizaremos no capítulo seguinte desta dissertação.

*“Philosophia est amor sapientiae, quae nullius indigens, vivax mens et sola rerum primaeva ratio est”*¹¹ (*Didascalicon* II, c. I, §1). Por conseguinte, essa definição é a etimológica, demonstrando que o vocábulo grego *φιλοσοφία* é a junção de *φίλος*

¹¹ A filosofia é o amor à Sapiência, que, não carecendo de nada, é mente viva e a única razão primordial das coisas. Tradução de Marchionni.

que significa amor e *σοφία* que é sabedoria. Hugo também explica que esta Sapiência a qual se refere é a Sapiência Divina, reconhecendo nela três atributos: *nillius indigens; vivax mens; sola rerum primaeva ratio*. A primeira faz referência à capacidade da mente divina de conhecer tudo o que há, nada ficando oculto, seja no passado, presente ou futuro. A Sapiência também é *vivax mens* pois, uma vez concebido algo nesta mente, nenhum esquecimento pode a fazer abolir o conhecimento. Por fim, ela é *sola rerum primaeva ratio* por que ela foi o molde onde foram formadas todas as coisas. Assim como o molde se imprime nos objetos a Sapiência imprimiu de formas diferentes a sua semelhança em todas as coisas.

Esta definição Hugo recebeu de Boécio, que defendeu essa posição sobre a filosofia e mostrou como a Sapiência, objeto de desejo desta ciência é a Sabedoria divina: “*est enim filosofia amor et studium et amicitia quodammodo sapientie [...] quae nillius indigens, vivax mens, et sola rerum primaeva ratio est*”¹² (Boécio, *In pophyrium dialogi* I, 10). Assim, Deus não é apenas mais um dos assuntos da filosofia, mas se torna o objeto de toda a busca, pois

A busca da sabedoria é a procura de Deus e o amor de sua pura mente. De acordo, pois, com essa definição, a filosofia, basicamente, é o tipo do estudo que culmina na consideração da divindade. [...] Tal conceituação da filosofia prestava-se muito bem para incluir a filosofia no âmbito da religião. (NUNES, 2020, p. 152).

Por conseguinte, vê-se que a filosofia estará ligada com a sacra teologia com o que Gilson nomeou de simbiose e sobre o expôs-se anteriormente. No entanto, como se configura esta simbiose entre filosofia e sacra teologia na doutrina de Hugo de São Vítor? A filosofia perderia sua natureza ou, já nesta época haveria uma distinção entre estas duas ciências? Pode-se investigar isso ao tratar da divisão da filosofia, quando elucidar-se a relação da sacra teologia com a filosofia de Hugo.

Quando apresentou esta definição de forma mais abreviada no livro primeiro, Hugo acrescentou que “*est autem hic amor sapientiae, intelligentis animi ab illa pura sapientia illuminatio*”¹³ (*Didascalicon* I, c. II, §2), dando a entender que, assim como uma pessoa que porta uma lamparina ao entrar num quarto escuro é responsável pela

¹² A filosofia é o amor, estudo e amizade pela Sapiência, que de nada carece, é mente viva e única razão primordial das coisas. Tradução nossa.

¹³ Este amor da Sapiência é uma iluminação do espírito inteligente por aquela pura Sapiência. Tradução de Marchionni.

iluminação do local, assim também acontece ao homem quando pensa: ele é iluminado pela Sapiência, pois “quando o homem está filosofando, a mente de Deus está iluminando sua mente; todo o desenvolvimento de ideias e pensamentos que chega ao filósofo e que será apresentado ao mundo tem origem na Mente Divina” (ATHAYDE, 2007, p. 181). Portanto, filosofar se torna uma amizade e união com esta *Vivax Mens* que é a fonte de todo conhecimento.

Juntamente com a primeira definição de filosofia, o Mestre Vitorino defende que a finalidade de todas as artes, incluindo a filosofia, é reparar em nós a semelhança divina, “*quia in hoc homo Deo similis est, quod sapiens et iustus est*”¹⁴ (*Didascalicon* I, c. VIII, §2). Portanto, o homem é semelhante a Deus, mas pelo pecado original perdeu a sua semelhança, tendo que procurar repará-la através da especulação da verdade, que é o amor pela Sapiência, e o exercício das virtudes, que é o caminho para se tornar justo. A filosofia assume assim, o papel de formar o homem, fazendo-o crescer na semelhança com seu primeiro princípio, a forma na qual foi moldado pelas mãos divinas.

“*Philosophia est ars artium, et disciplina disciplinarum*”¹⁵ (*Didascalicon* II, c. I, §3). Essa segunda definição pode ser tida como hierárquica. Existindo várias artes e disciplinas que lidam com o conhecimento, a filosofia é a maior de todas, sendo para todas o ponto de referência. Além disso, Hugo se preocupa em apresentar três definições de arte e três definições de disciplina. O primeiro par de definições apresenta o aspecto da arte como algo composto de regras e preceitos, e a disciplina como uma ciência completa, tomando como exemplo a matemática. O segundo par apresenta a arte como um tratamento opinável e verossimilhante das coisas e a disciplina como elaboração de uma argumentação verdadeira sobre algo que não pode acontecer de outro modo. Já nas últimas duas definições aparece a diferenciação entre arte como obra que se realiza na matéria inanimada, por exemplo a arquitetura, e a disciplina como algo que se realiza através da especulação e o raciocínio humano, como a lógica.

Para Hugo de São Vítor as três definições de arte dizem respeito à filosofia, pois ela é uma ciência que está pautada em regras e princípios, que se constrói através da especulação e também está ligada de certo modo à manipulação da

¹⁴ Pois o homem é semelhante a Deus quando é sábio e justo. Tradução de Marchionni.

¹⁵ A filosofia é a arte das artes e a disciplina das disciplinas. Tradução de Marchionni.

matéria inanimada, como na arquitetura. Já as definições de disciplina acrescentam à filosofia o caráter de uma formulação de conhecimento que pode ser atestado através de argumentações verdadeiras e que é desenvolvido apenas por meio de raciocínios. Por fim, a filosofia é mostrada como o ápice de todo conhecimento, pois todo conhecimento se dirige a ela.

*“Philosophia est meditatio mortis, quod magis convenit Christianis, qui saeculi ambitione calcata, conversatione disciplinali, similitudine futurae patriae vivunt”*¹⁶ (*Didascalicon* II, c. I, §4). Essa definição é de influência platônica, pois como já dissemos acima, a filosofia para Platão é uma preparação para a morte, pois apenas quando a alma se libertar do corpo poderá possuir a pura sabedoria. À semelhança de Platão, Hugo defende que filosofar é preparar para a morte, pois é um desvencilhar-se das coisas passageiras deste mundo e aprender a ter uma vida guiada pela disciplina no cultivo das virtudes, já que *“illaudabilis est scientia quam vita maculat impudica”*¹⁷ (*Didascalicon* III, c. XII, §3).

Um cristão instruído apenas nas letras eclesiásticas, talvez ignore o nome dos platônicos e não saiba que em língua grega houve duas correntes filosóficas - a jônica e a itálica. Não é, porém, tão surdo para as coisas humanas que desconheça que os filósofos se dedicam ao estudo e à prática da sabedoria. Todavia acautela-se dos que filosofam em conformidade com os elementos deste mundo, e não em conformidade com Deus por quem o mundo foi feito. É que ele está avisado pelo preceito apostólico a que presta atenção com fé: Acautelai-vos, não vos deixeis enganar pelas vãs seduções duma filosofia conforme os elementos do mundo (*De civitate Dei VIII, c.X*).

Santo Agostinho defende uma espécie de instinto dos cristãos em relação à verdade, que pode ser encontrada apenas filosofando em conformidade com o Criador do mundo. Os cristãos, que já vivem uma vida de conformação com Deus, mesmo sem terem estudado a sabedoria filosófica, têm acesso a ela através dos ensinamentos eclesiásticos. Assim, quando se propõe a filosofar se acautelam daquilo que conheceram ser falso através da religião e tem o interesse de filosofar conforme Deus. Portanto, o cristão que filosofa não trai sua religião, ele realiza uma atividade que o pode auxiliar na vivência religiosa, por isso Hugo defende que esta meditação da morte, que é a filosofia, convém sobretudo aos cristãos.

¹⁶ A filosofia é a meditação da morte, que convém sobretudo aos cristãos, que, desprezando a ambição mundana, vivem de modo disciplinar, à semelhança da pátria futura. Tradução de Roger Campanhari.

¹⁷ É indigna de louvor a ciência que é manchada por uma vida desonesta. Tradução de Campanhari

*“Philosophia est disciplina omnium rerum divinarum atque humanarum rationes probaliter investigans”*¹⁸ (*Didascalicon* II, c. I, §5). Por conseguinte, a última definição permite demonstrar a abrangência da filosofia: ela trata com profundidade de todas as coisas divinas e humanas. Portanto, para Hugo a filosofia investiga a razão de todas as obras humanas, mas não afirma, por isso, que tudo que o homem faz é filosófico, pois a filosofia se encarrega das causas das obras humanas e não da execução da obra em si. Não obstante, a filosofia também investiga as ações de Deus, que cria o mundo e o homem à semelhança da Sapiência. É justamente por ter algo de semelhante com o mundo e com Deus que o homem pode conhecê-los, já que como ensinavam os pitagóricos, *“similia similibus comprehendit”*¹⁹ (*Didascalicon* I, c. I, §6).

Ao propor as quatro definições Hugo possibilita ao leitor uma ampla visão da filosofia: ela é a arte das artes, aquela que possibilita o maior conhecimento e para qual todas as outras artes tendem; a filosofia é uma preparação para a morte, realizada através de uma vida virtuosa; a filosofia procura conhecer todas as coisas humanas e divinas, isto é, procura conhecer tudo. Não obstante, é a primeira definição que sintetiza em si toda a definição de filosofia, apresentando o filósofo como uma pessoa que ama a Sapiência e que sente o desejo de conhecê-la, e mostrando a Sapiência como a razão primordial de todas as coisas. Pode-se dizer que o amor à Sapiência é a essência da filosofia na doutrina de Hugo de São Vítor, é deste amor que tudo se origina e é para o crescimento nesse amor que tudo se aprimora.

Além disso, como demonstrou-se anteriormente, Platão já havia defendido que a filosofia procura a verdade que está na suprema realidade e nas essências das coisas; Aristóteles afirmou que a filosofia é a ciência da verdade que procura as causas eternas; os estóicos propuseram a filosofia como conhecimento das coisas humanas e divinas. Em consonância com esses que o precederam, Hugo propõe a Sapiência como Pessoa onde se encontra a verdade, a essência de onde tudo se originou, a Mente de Deus e o próprio Deus que deu origem ao mundo.

Não obstante, se a filosofia é o movimento de saída da ignorância em direção à sabedoria, pode-se afirmar que o diálogo com os predecessores tem grande importância para auxiliar na formação do filósofo, pois algo da verdade eles já encontraram, mas convém sempre e acima de tudo, procurar desvencilhar-se das

¹⁸ A filosofia é a disciplina que investiga com profundidade a razão de todas as coisas divinas e humanas. Tradução de Campanhari.

¹⁹ Os semelhantes só podem ser compreendidos pelos semelhantes. Tradução de Campanhari.

trevas da ignorância em direção à luz da verdade. Por isso, ao mesmo tempo que Hugo “professa a doutrina de Platão, não porém aquela que este filósofo ensinou, mas aquela que Santo Agostinho corrigiu, purificou e completou com o dogma cristão” (HUGONIN, 2019, p. 45), também procura sair da ignorância, vasculhando e procurando a verdade em tudo. Um exemplo disso é que Hugo é o primeiro a defender que a filosofia possui uma parte que é dedicada ao trabalho, que ele nomeou mecânica. Assim, a filosofia não está acabada, ainda está em desenvolvimento, já que ainda não atingiu a plena luminosidade da união permanente e completa com a Sapiência.

2 A PRIMEIRA COISA A SER BUSCADA É A SAPIÊNCIA

*Sapientia illuminat hominem ut seipsum agnoscat,
qui ceteris similis fuit cum se prae ceteris
factum esse non intellexit.²⁰
Didascalicon I, c. I, §1*

A filosofia começou de modo simples, através da inquietação que os cosmológicos tinham sobre a Arché, e foi crescendo à medida que sua prática foi se fortificando com a contribuição de inúmeros filósofos. Assim, a filosofia se assemelha a uma árvore, que tem o início singelo através de uma pequena semente depositada na terra, que germina formando um pequeno broto, tornando-se depois uma árvore frondosa. Por conseguinte, assim como uma árvore possui um tronco com vários ramos, a filosofia também apresenta várias divisões dentro de si. Além disso, para Hugo, todas as artes têm como fim último a filosofia, “*sed singulae suas proprias quasdam considerationes habent, quibus ab invicem differunt*”²¹ (*Didascalicon* II, c. XVII, §1). Portanto, é de grande importância para esta pesquisa a averiguação das partes da filosofia, a fim de conhecer mais profundamente qual conceito tece Hugo sobre essa arte das artes.

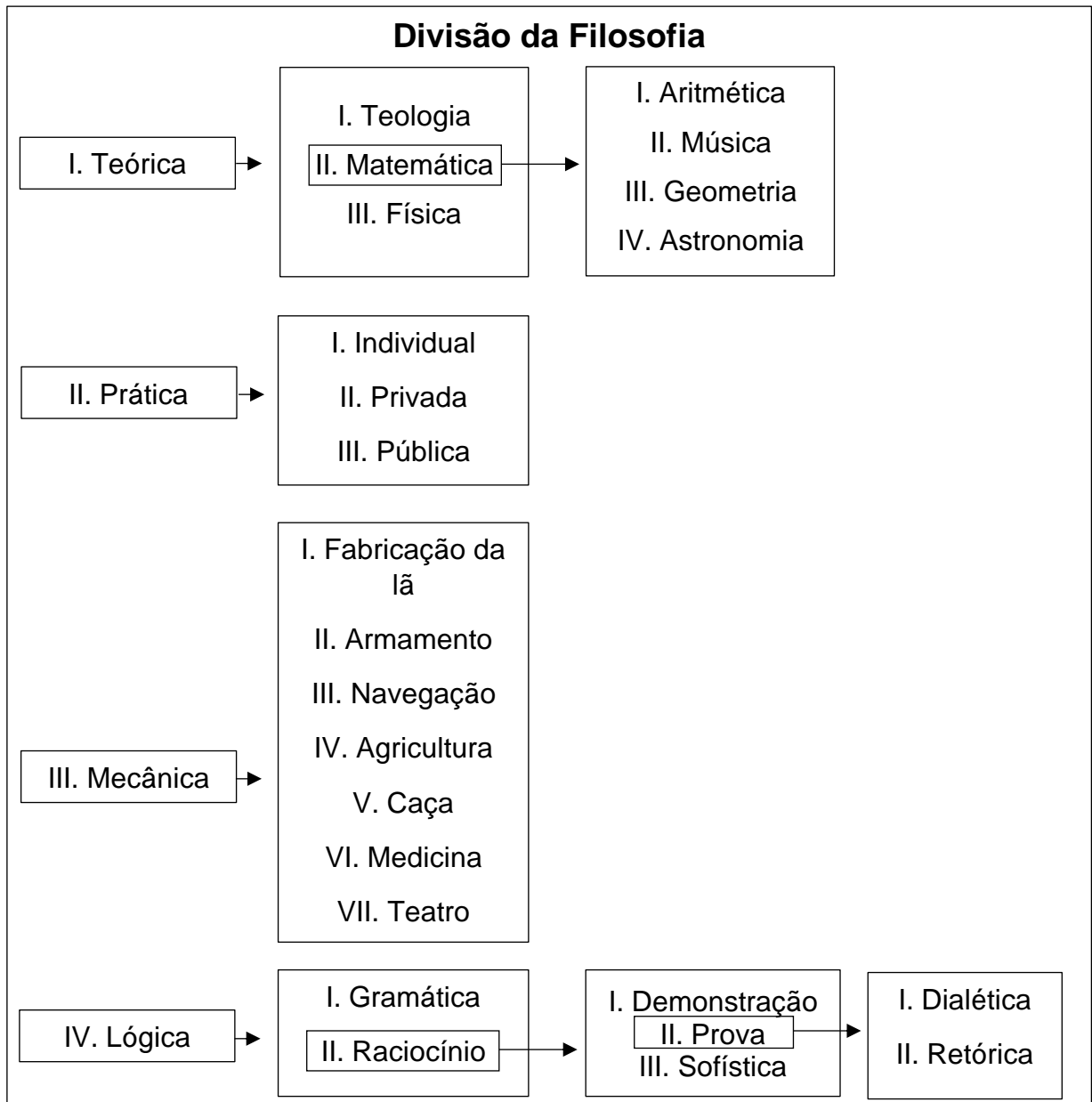
2.1 MUITOS RAMOS DE UMA MESMA ÁRVORE: A DIVISÃO DA FILOSOFIA

Por conseguinte, o Mestre Vitorino defende que a filosofia tem quatro partes: teórica, prática, mecânica e lógica. Sendo que a teórica se divide em teologia, matemática e física, portando o *quadrivium* (aritmética, música, geometria, astronomia) como subdivisão da matemática; a prática se divide em individual, privada

²⁰ A Sapiência ilumina o homem para que conheça a si mesmo, ele que, quando não sabe que foi feito acima das outras coisas, acaba achando-se semelhante a qualquer coisa. Tradução de Marchionni.

²¹ [...] mas têm suas próprias considerações, pelas quais se diferem entre si. Tradução de Campanhari.

e pública; a mecânica é composta de sete artes: fabricação da lã, armamento, navegação, agricultura, caça, medicina, teatro; a lógica tem duas divisões: gramática e raciocínio, esse que se subdivide em demonstração, prova e sofística, e a prova se divide em dialética e retórica – vê-se que o *trivium* (gramática, dialética e retórica) está contido na parte lógica da filosofia.



Quattuor tantum diximus esse scientias, quae reliquas omnes continent, id est, theoreticam, quae in speculatione veritatis laborat, et practicam, quae morum disciplinam considerat, et mechanicam, quae huius vitae actiones dispensat,

*logicam quoque, quae recte loquendi et acute disputandi scientiam praestat.*²²
(*Didascalicon* I, c. XI, § 8).

2.1.1 As quatro partes da Filosofia

Assim, como primeira parte da filosofia, a teórica se caracteriza pelo estudo da verdade, atuando apenas no campo conceitual. A teologia se caracteriza pela investigação sobre Deus e as criaturas espirituais, um conhecimento que não pode ser obtido através dos sentidos, mas apenas através do intelecto, “*speculationem Dei atque ad animi incorporalitate considerationemque verae philosophiae indagacione componitur, quam, inquit, Graeci theologiam nominant*”²³ (*Didascalicon* II, c. II, §1).

Diferente da teologia, a matemática adiciona à atuação do intelecto a imaginação, pois esta arte se dedica à quantidade abstrata, que é obtida apenas através da razão, que separa da matéria aquilo que os sentidos não dão a conhecer, como por exemplo os conceitos de par e ímpar.

Por conseguinte, a terceira integrante da teórica, a física, é a única que se dirige não a conceitos, mas às coisas, mas não com o interesse de estudá-las em si, mas sim objetivando apreender suas causas e princípios, pois “*physicae autem est proprium actus rerum permixtos impermiste attendere*”²⁴ (*Didascalicon* II, c. XVII, § 4), por isso, esse estudo procura, através da capacidade de abstração da razão, o princípio puro que move toda a natureza.

Dentro da teórica há uma problemática importante: haveria distinção entre a teologia natural – consideração da existência de Deus e outras realidades espirituais apenas através da razão – e a Sacra Teologia – a fé refletindo sobre a Revelação Divina com o auxílio da razão - na doutrina de Hugo de São Vítor? Neste trecho de um de seus textos, pode-se elucidar sua posição sobre essa questão:

²² Dissemos que existem quatro ciências, que abrangem todas as restantes: a teórica, que se ocupa da especulação da verdade; a prática, que considera a disciplina moral; a mecânica, que trata das atividades inerentes a esta vida; e a lógica, que se presta a saber discursar com retidão e disputar com precisão. Tradução de Campanhari.

²³ Abrange a contemplação de Deus, a imaterialidade da alma e a investigação da verdadeira filosofia, e é isso que os gregos, disse Boécio, denominam “teologia”. Tradução de Campanhari.

²⁴ A física, por sua vez, tem como próprio analisar de modo puro aquilo que na realidade é misturado. Tradução de Campanhari.

An ratio naturalis aliquid possit per se sine adiutorio gratiæ? Solutio. Dicunt quidam quod ratio naturalis multa potest per se, ut aparet in philosophis, qui soli rationi innixi multa non solum in comprehensione veritatis circa creaturas, sed etiam circa Creatorem cognoverunt, scilicet quod Deus est, et unus est, et quod trinus est. Sed ad hanc cogitationem non videntur pervenisse sine gratiæ adiutorio. Unde Apostolus: Quod nolum est Dei manifestum in illis est; statimque subiungit: Deus enim manifestavit illis²⁵ (Questiones et decisiones in epistolas Pauli I, Questio XL)

“Hugo de São Vítor contribuiu para o avanço da teologia natural” (COPLESTON, 2021, p. 652) mas, apesar de existir o reconhecimento da capacidade do homem de conhecer algo sobre Deus apenas através da razão, o fato de a teologia ser parte da filosofia faz com que na prática ainda não tenha acontecido uma distinção entre sacra teologia e teologia natural. Pois, “no tempo de Hugo de São Vítor ainda não se chegara ao ponto de discernir teoricamente e de reconhecer na prática, a distinção, hoje corriqueira, entre os graus do saber” (NUNES, 2020, p. 275).

Além disso, Hugo de São Vítor entende a fé como uma certeza das coisas ausentes, em contraposição ao conhecimento, que é uma compreensão das coisas presentes. A primeira faz-se necessária porque a mente do homem, enfraquecida pelo pecado, é incapaz de acessar algumas verdades por si, carecendo de uma revelação. Não apenas dessa carência, mas também da existência de conhecimentos que só podem ser conhecidos se revelados, é que provém a necessidade da fé. No entanto, o conhecimento é superior à fé, pois é visão das coisas presentes, por isso, “podemos dizer, portanto, que Hugo de São Vítor distinguia marcadamente a fé do conhecimento e que, embora reconhecesse a superioridade deste último, nem por isso impugnava a necessidade do primeiro” (COPLESTON, 2021, p. 654). Assim, apesar de dar tamanha importância ao conhecimento, Hugo ainda não chegara a distinguir a existência da sacra teologia como ciência separada da filosofia.

Outro ramo nascido nesta árvore da filosofia é aquele dedicado aos atos humanos: a filosofia prática. Dividida em três partes - individual, privada e pública - ela distingue os propósitos que são bons para que o homem realize sua essência, não parando na simples meditação disso, mas levando as conclusões à prática. Esse ramo

²⁵ Se a razão natural pode alguma coisa por si mesma sem a ajuda da graça? A solução. Alguns dizem que a razão natural pode muitas coisas por si mesma, como aparece nos filósofos, que, confiando apenas na razão, conheceram muito, não apenas na compreensão da verdade sobre as criaturas, mas também sobre o Criador, isto é, que Deus é, e que Ele é um, e que Ele é três. Mas a esse pensamento, eles não parecem ter chagado sem a ajuda de um assistente. Daí o apóstolo: Que a vontade de Deus se manifeste neles; e ele imediatamente acrescenta: Porque Deus lhes manifestou. Tradução nossa.

é aquele que fornece ao homem a vida virtuosa e o auxilia a administrar de modo honesto tudo que lhe cabe, conduzindo suas ações ao bem.

Quando apresenta a individual Hugo ensina que “*solitaria igitur est quae sui curam gerens cunctis sese erigit, exornat augetque virtutibus, nihil in vita admittens quo non gaudeat, nihil faciens paenitendum*”²⁶(*Didascalicon* II, c. XIX, §2). Sendo essa parte direcionada aos atos pessoais ela visa possibilitar a concretização da felicidade, ensinando o que se deve fazer para adornar a alma com a beleza das virtudes. No entanto, como o homem não vive isolado, mas relaciona-se, a parte da filosofia prática que se volta às tarefas familiares é a privada e a parte que se direciona à atividade política das pessoas é a pública.

As artes mecânicas, que são aquelas que dirigem a fabricação das coisas, aparecem como um dos ramos da filosofia no *Didascalicon*, englobando em sete artes as técnicas que o homem dispõe para fabricar ou que estejam relacionadas ao uso do que foi fabricado: *lanificium, armatura, navegatio, agricultura, venatio, medicina, theatrica*²⁷. O nome mecânica aparece no *Didascalicon* ligado à palavra adúlterina, que tem o sentido de imitação, porque essas artes realizam a imitação da Natureza²⁸, que é o mundo do pensamento de Deus, onde estão as formas que ele utilizou para criar a obra da natureza, que é o mundo criado em si. Assim, o artífice contempla a Natureza imitando as formas que visualiza e as imprime na obra que fabrica. Portanto, não é a realização de um vaso de barro que é um ato filosófico, mas aquilo que o precede: a contemplação do modelo da Natureza. E de fato, esse modo de pensar se justifica dentro da visão cosmológica que Hugo apresenta: um mundo feito aos moldes da Sapiência, onde cada coisa porta, à sua maneira, a semelhança com seu primeiro princípio.

No entanto, sem a devida apresentação destas artes, o estudante poderia tecer sobre elas uma compreensão simplória, por isso o filósofo procura descreve-las, apresentando o que está contido em cada uma delas, para que ao fim possa haver a reta compreensão de que estas sete artes mecânicas englobam tudo que o homem pode produzir e suas possibilidades de uso. Por exemplo, a terceira arte, que é a

²⁶ Desse modo, a ciência prática individual é a que, realizando a cura da alma, restaura-a integralmente, e pelas virtudes a torna bela e a faz crescer, não admitindo na vida nada que não seja motivo de alegrar-se e nada que, fazendo, se arrependa. Tradução de Campanhari.

²⁷ Nome das artes em vernáculo: lanifício, armamento, navegação, agricultura, caça, medicina, teatral.

²⁸ Vê-se que não é oportuno expor neste momento o significado desta palavra para Hugo, basta agora compreender que Natureza não é o mundo criado, mas o mundo que contém as formas usadas para criar este mundo, contidas na Mente de Deus.

navegação, comporta todo tipo de negociação de produtos, seja por terra ou por mar, e aparece também como um exercício político, por possibilitar o contato entre nações e povos diferentes; a arte da caça, figura como outro exemplo, pois não se restringe apenas à captura de animais, mas também à preparação de todos os alimentos e bebidas. Logo, por meio da exposição de cada uma das artes mecânicas, Hugo de São Vítor engloba todas as obras dos artífices dentro da filosofia.

Por fim, o quarto ramo da filosofia é aquele que trata das palavras, a lógica, que divide-se em gramática e argumento do discurso. A primeira ocupa-se das palavras enquanto componente textual e a segunda direciona-se ao estudo das palavras enquanto conceitos. Apesar de o conhecimento ser alcançado através da razão acontece uma mediação da linguagem, daí provém a importância da lógica, pois, “*nisi enim prius ad scientiam venerit, quae ratiocinatio veram teneat semitam disputandi, quae verisimilem, et agnoverit quae fida, quae possit esse suspecta, rerum incorrupt veritas ex ratiocinatione no potest inveniri*”²⁹ (*Didascalicon* I, c. XI, §1).

Como demonstrou-se anteriormente, Aristóteles entendia que a lógica era apenas um instrumento do filósofo, por isso não a incluiu nas partes da filosofia. Hugo também defende a lógica como instrumento da filosofia, no entanto, afirma que pode ser ao mesmo tempo parte e instrumento, assim como as mãos e os pés são ao mesmo tempo partes e instrumentos do corpo.

Além do mais, é importante ressaltar a pertença do *trivium* e do *quadrivium* às partes da filosofia. As artes da Aritmética, da Música, da Geometria e da Astronomia, compondo o *quadrivium*, são subdivisões da Matemática. Já o *trivium*, composto pela Gramática, a Retórica e a Dialética, compõem a quarta parte da filosofia. Esse destaque se faz importante, porque, apesar de compor a filosofia, essas sete artes liberais não são toda a filosofia, mas aparecem como “*totius philosophiae instrumenta sunt*”³⁰ (*Didascalicon* III, c. IV, §5) e como “*fundamentum est omnis doctrinae*”³¹ (*Didascalicon* III, c. IV, §7). Por serem fundamento que possibilitará a assimilação de futuros conhecimentos, as artes liberais devem ser dominadas. Ademais, por serem também instrumento do filósofo, elas adquirem tamanha importância que Hugo chega

²⁹ Se antes não se conhece qual raciocínio garante o caminho verdadeiro da disputa, qual garante apenas a verossimilhança, se não se conhece qual raciocínio pode ser confiável, qual pode ser suspeito, aí a verdade incorrupta das coisas não pode ser alcançada pelo raciocínio. Tradução de Marchionni.

³⁰ São os instrumentos de toda a filosofia. Tradução de Campanhari.

³¹ Fundamento de todo aprendizado. Tradução de Campanhari.

afirmar que não se pode tornar filósofo sem dominar essas sete artes. "as sete artes são determinadas vias, que permitem ao espírito humano alcançar os segredos da sabedoria. [...] as artes constituem ótimos rudimentos que facultam ao espírito o completo conhecimento da verdade filosófica." (NUNES, 2020, p. 271).

Hugo de São Vítor também propõe-se a pensar o surgimento das artes. Teria sido a palavra inventada depois que se teve a gramática ou a imortalidade da alma construída apenas depois de iniciada a arte da teologia? Para o Mestre Vitorino, "*omnes enim scientiae prius erant in usu quam in arte*"³² (*Didascalicon* I, c.XI, §5), que significa que as ciências e artes não são uma criação a partir do nada, mas uma espécie de refinamento e aperfeiçoamento das capacidades humanas, especialmente através do estabelecimento de critérios que possibilitem esse refinamento nos resultados. Portanto, a arte aparece como superior à prática corriqueira e sem princípios ordenadores, justamente porque ela pode corrigir os erros desta primeira e permitir ao homem um melhor uso de suas potencialidades.

*Priusquam esset grammatica et scribebant et loquebantur homines. Priusquam esset dialectica, ratiocinando verum a falso discernabant. Priusquam esset rhetorica iura civilia tractabant. Priusquam esset arithmetica, scientiam numerandi habebant. Priusquam esset musica, canebant [...] Sed venerunt artes, quae licet ab usu principium sumpserint, usu tamen meliores sunt*³³(*Didascalicon* I, c. XI, §7).

Seria, no entanto, o desejo de compreender a Sagrada Escritura que motivaria o filósofo a percorrer todo o percurso de aprendizado das diversas artes? Na visão de Hugo, as artes são úteis para interpretar as escrituras divinamente reveladas, mas "têm um valor em si mesmas e devem ser cultivadas para ampliar o saber do homem, assim como para corresponder ao seu anseio por conhecer a verdade" (BENTO XVI, audiência, 2009). Assim, o desejo do conhecimento não é motivado principalmente pela possibilidade de sua utilidade prática, mas sim pelo anseio do conhecimento da verdade presente na própria natureza humana.

Não obstante, a divisão apresentada por Hugo foi influenciada por duas tradições (MARCHIONNI, 1998, p. 69): a tradição platônico-estóico-agostiniano-

³² Todas as ciências existiam no uso antes de existir como disciplinas. Tradução de Marchionni.

³³ Assim, antes que existisse a gramática, os homens escreviam e falavam. Antes que existisse a dialética, eles distinguiam o verdadeiro do falso. Antes que existisse a retórica, eles tratavam dos direitos civis. Antes que existisse a aritmética, eles sabiam contar. Antes que existisse a música, cantavam [...] E aí vieram as artes, as quais, bem que derivadas do uso, são melhores que o uso. Tradução de Marchionni.

isidorenses que descreviam ser a filosofia dividida em física, ética e lógica; e a tradição aristotélico-alexandrino-boeciana, que defendeu ter a filosofia apenas dois ramos, nomeados de teórico e prático. Apesar das influências, Hugo propõe a divisão quaternária da filosofia, o que foi uma “novidade enorme” (MARCHIONNI, 1998, p. 70), que fica ainda mais evidente quando passeamos pelas subdivisões da filosofia mecânica, pois, como poderia a fabricação da lã, a navegação, a agricultura ou até mesmo a caça ter algo de filosófico?

O próprio Hugo justifica sua proposta de divisão da filosofia e explica o porquê de estar incluindo as artes mecânicas como parte da filosofia, evidenciando também de que modo ele defende a pertença dessas ao fazer filosófico. Primeiramente, o critério usado por ele para a divisão é a conclusão de que a natureza humana, por possuir a capacidade racional, não vive apenas procurando sua subsistência, mas tem como mais alta atividade o exercício de sua racionalidade, que atua essencialmente conhecendo a natureza através da especulação e apreendendo os princípios que devem ser parâmetros para o discernimento de sua atuação moral (*Didascalicon* I, c. III, §7). Em seguida, o outro critério para a divisão é consequência do primeiro, pois já que a razão procura a Sapiência, que foi o molde para todas as coisas, seja através da investigação das coisas criadas, seja pela reflexão do modo correto de portar-se, “*consequenter nunc omnium humanorum actuum moderatricem quandam sapientiam possuisse videmur*”³⁴ (*Didascalicon* I, c. IV, §1).

Portanto, o homem é capaz de especular a verdade e todas as suas ações têm como parâmetro a Sapiência, porque ele foi feito à sua semelhança e realiza sua essência apenas quando consegue estabelecer o seu primeiro princípio como referência para seus atos; justifica assim, a divisão da filosofia na concepção da natureza humana e na sua finalidade última.

*Quod si verum esse constiterit, iam non solum ea studia in quibus vel de rerum natura vel disciplina agitur morum, verum etiam omnium humanorum actuum seu studiorum rationes, non incongrue ad philosophiam pertinere dicemus. Secundum quam acceptionem sic philosophiam definire possumus: Philosophia est disciplina omnium rerum humanarum atque divinarum rationes plene investigans.*³⁵ (*Didascalicon* I, c. IV, §1).

³⁴ Consequentemente agora nos vemos obrigados a estabelecer a Sabedoria como o ponto de referência de todos os atos humanos. Tradução de Campanhari.

³⁵ Logo, se isso for verdade, dizemos que pertencem adequadamente à filosofia já não só aqueles estudos que buscam ou a natureza das coisas ou a disciplina dos atos morais, mas também a razão de todos os atos ou inclinações humanas. Segundo essa acepção, podemos definir a filosofia como a

Através dessa sua compreensão do modo de operar da potência racional presente na alma humana é que se pode compreender com eficácia sua proposta de divisão da filosofia, pois, sendo todas as coisas ordenadas à Sapiência, todas as operações da racionalidade são filosofia, pois “o homem só se eleva ao plano filosófico pela investigação das razões do seu agir, ou seja, fazendo da filosofia a *moderatrix actionum*³⁶” (BOEHNER e GILSON, 2018, p. 337, grifos do autor).

Logo, a agricultura é parte da filosofia no que se refere a seus conceitos e as razões de sua realização, mas a execução da obra em si não pertence à filosofia, mas ao agricultor (*Didascalicon* I, c. V, §2). Portanto, esse critério pode ser tomado para todas as ações humanas: a ação em si não é filosofia, mas a reflexão de todas as razões, ou de seus princípios, cabe ao filósofo³⁷. “*Vides iam qua ratione cogimur philosophiam in omnes actus hominum difundere, ut iam necesse sit tot esse philosophiae partes quot sunt rerum diversitates, ad quas ipsam pertinere constiterit*”³⁸ (*Didascalicon* I, c. IV, §3).

Além do mais, aparece no *Didascalicon* uma distinção hierárquica entre os ramos da filosofia, pois Hugo defende que apenas a teórica merece o nome de sabedoria, pois “*solam autem theoreticam, propter speculationem veritatis rerum, sapientiam nominamus*”³⁹ (*Didascalicon* II, c. XVIII, §2). Em sua visão, os três outros ramos merecem mais ser chamados de prudência ou ciência, seguindo a tradição aristotélica, pois o mestre Estagirita também deu maior importância à teórica, conferindo relevo especialíssimo à teologia: “E também não há dúvida de que a ciência mais elevada deve ter por objeto o gênero mais elevado de realidade. Enquanto as ciências teóricas são preferíveis às outras ciências, esta, por sua vez, é preferível às outras duas ciências teóricas” (*Metafísica*, VI, 1026a, 20). No entanto, essa

disciplina que investiga integralmente a razão de todas as coisas humanas e divinas. Tradução de Campanhari.

³⁶ Moderadora das ações. Tradução nossa.

³⁷ Nesta parte tratar-se-á apenas de modo introdutório da questão do fundamento filosófico da parte mecânica da filosofia, pois esse fundamento será melhor compreendido quando evidenciar-se o conceito de Sapiência, intento que será feito mais adiante nesta pesquisa.

³⁸ Vês que imediatamente somos obrigados a admitir que pela razão a filosofia está difundida em toda ação humana, de modo que é necessário haver na filosofia tantas partes quantas sejam as diferentes coisas das quais lhe convém se ocupar. Tradução de Campanhari.

³⁹ Assim, chamamos de sabedoria unicamente a teórica, por dedicar-se à investigação da verdade das coisas. Tradução de Campanhari.

distinção é mais relativa à dignidade ou importância da teórica do que uma exclusão das outras três partes da dignidade filosófica.

Além disso, sendo o *Didascalicon* uma obra introdutória à filosofia, que não apresenta com profundidade os conteúdos, mas tem a intenção de dar uma visão geral do caminho que o estudante deve percorrer para formar-se em todas as artes, convém pensar o impacto desta obra naqueles que se aventurarão no amor pela Sapiência.

Em primeiro lugar, a concepção de filosofia teórica pode instigar no estudante certas indagações: Pode existir realidade além da que consigo enxergar pelos sentidos? Existe uma divindade criadora, ordenadora e mantenedora deste mundo? Posso uma alma imortal? Existe algum princípio regulador na criação? Se há tudo isso, então o que é? Se não há nada disso, então o que há? Assim, mesmo que no medievo a maioria dos estudantes fossem pessoas ligadas à fé, que talvez já tivessem solucionado muitos desses problemas através do ensinamento eclesiástico, não se deve esquecer que a teologia e a filosofia realizavam aquele movimento de “uma inquieta consciência crítica, na qual a fé é sempre posta em discussão consigo mesma pela mediação da razão” (VAZ, 1998, p. 82).

Em segundo, a apresentação da filosofia prática impulsiona o leitor a pensar sobre a realidade dos atos humanos e sua finalidade: Qual ação é boa e qual é má? Como tornar-me feliz? Como portar-me e realizar bem minhas funções familiares e políticas? Além disso, e não menos importante, a filosofia mecânica apresentada ao estudante o faz refletir sobre a realidade das fabricações humanas e do uso da razão nestes trabalhos. Por fim, a lógica permite ao estudante visualizar a necessidade do domínio da gramática e também da capacidade de bem lidar com as palavras enquanto conceitos, pois sem isso não se poderá produzir e crescer no conhecimento.

Apesar de não se tratar de uma obra com proposta de expor profundamente os conteúdos da filosofia, o *Didascalicon* realiza a essencial tarefa de iniciar o estudante naquele espanto que Aristóteles (*Teeteto*, 155d) defendeu ser o início do filosofar e também de introduzir o aluno no conhecimento das diversas partes da filosofia, para que diante da infinidade de obras e filósofos o estudante não desanime nem se perca, pois

Qui ergo in tanta multitudine librorum legendi modum et ordinem non custodit, quasi in condensitate saltus oberrans, tramitem recti itineris perdit, et, ut

*dicitur, 'semper discentes, numquam ad scientiam pervenientes'. Tantum enim valet discretio, ut sine ipsa et omne otium turpe sit, et labor inutilis. Ut autem universaliter complectamur!*⁴⁰ (*Didascalicon* V, c. V, §3).

Assim, o *Didascalicon* é o primeiro passo do estudante em direção à Sapiência e por isso Hugo se preocupa em conduzi-lo do modo que melhor o ajude a alcançar seu interesse. Portanto, para o filósofo o método é importantíssimo, e deve ser seguido desde o começo, para que não se perca tempo estudando de um modo que não fará chegar ao conhecimento.

Por isso, Hugo ensina que “*duae praecipue res sunt quibus quisque ad scientiam instruitur, videlicet lectio et meditatio*”⁴¹ (*Didascalicon*, prefácio, §6), e sua preocupação durante a obra é ensinar a realizar a leitura dando três preceitos: o estudante deve saber o que ler; precisa conhecer a ordem da leitura; não deve estudar sem saber o modo correto de se ler (*Didascalicon*, prefácio, §7). É com esse intuito que o Mestre Vitorino apresenta as partes da filosofia, acrescentando depois seus fundadores e obras notáveis de cada arte, terminando, por fim, a apresentar diversos elementos que ensinam o modo correto de realização da leitura. Percebe-se assim, que o subtítulo da obra *de studio legendi*⁴² faz jus ao conteúdo apresentado, pois o *Didascalicon* realmente é uma introdução completa à arte de estudar.

Por conseguinte, a exposição da divisão da filosofia serve também para iluminar a compreensão que pode-se ter das quatro definições que Hugo faz desta arte. Assim, vendo a abrangência das partes da filosofia, na quarta definição, “*philosophia est disciplina omnium rerum divinarum atque humanarum rationes probaliter investigans*”⁴³ (*Didascalicon* II, c. I, §5), vê-se que de fato a filosofia realiza uma especulação profunda de tudo quanto há, até das coisas divinas. Já a segunda definição, “*Philosophia est ars artium, et disciplina disciplinarum*”⁴⁴ (*Didascalicon* II, c.

⁴⁰ Aquele, portanto, que em tão grande multidão de livros não mantém um método e uma ordem de leitura, este, como se vagueasse na densidade da floresta, perde o caminho do percurso certo “sempre estudando – como se diz – nunca chegando ao saber”. O método é tão importante, que sem ele qualquer ócio (*dedicação ao estudo*) é torpe e todo trabalho inútil. Oxalá todos nós abracemos esta convicção! Tradução de Marchionni, grifos do autor.

⁴¹ Existem principalmente duas coisas por meio das quais alguém é conduzido ao conhecimento, a saber, a leitura e a meditação. Tradução de Campanhari.

⁴² O verbo *legere* pode significar tanto estudo quanto leitura, por isso pode-se traduzir o subtítulo da obra tanto como “da arte de ler” quanto “da arte de estudar”.

⁴³ “A filosofia é a disciplina que investiga com profundidade a razão de todas as coisas divinas e humanas”, tradução de Campanhari.

⁴⁴ “A filosofia é a arte das artes e a disciplina das disciplinas”, tradução de Marchionni.

I, §3), evidencia que ela é a maior arte, por lidar com as coisas mais altíssimas, e por ser o ponto de referência para todas elas.

Não obstante, a terceira definição, “*Philosophia est meditatio mortis, quod magis convenit Christianis, qui saeculi ambitione calcata, conversatione disciplinali, similitudine futurae patriae vivunt*”⁴⁵ (*Didascalicon* II, c. I, §4), está ligada principalmente à segunda parte da filosofia, que lida com os atos humanos, e aparece como uma prática de prudência, para que a vida não seja vivida de maneira errônea, mas seja sempre direcionada ao bem. Além disso, a primeira definição, “*Philosophia est amor sapientiae, quae nullius indigens, vivax mens et sola rerum primaeva ratio est*”⁴⁶ (*Didascalicon* II, c. I, §1), figura como uma síntese de todas as outras, acrescentando a motivação que fomenta toda a procura do conhecimento: o amor pela Sapiência.

Assim, é pelo amor ao conhecimento que se filosofa, não para parecer sábio diante dos outros, mas para ser de fato, mesmo que esse saber não seja louvado, pois não é o louvor que traz a felicidade, mas sim a união com a Sapiência, porque os bens que são invisíveis “conferem uma alegria genuína e profunda, só eles nos tornam verdadeiramente felizes” (BOEHNER e GILSON, 2018, p. 345).

2.1.2 O conceito de Sapiência

Por conseguinte, tendo já investigado o rio desde sua nascente, chegando até as torrentes que alcançaram Hugo de São Vítor, percebeu-se que ele se divide em quatro grandes ramos, que irrigam todos os atos humanos. No entanto, é a inclinação do terreno que promove o movimento dos rios naturais, mas qual seria a motivação para o escoamento deste rio do conhecimento? O que faz com que a filosofia continue existindo após tantos séculos depois de sua fundação?

Hugo afirmou que a filosofia é o amor pela Sapiência, por isso, o que move a filosofia é sua própria essência de almejar a união com a Sapiência. Mas, que é isto

⁴⁵ A filosofia é a meditação da morte, que convém sobretudo aos cristãos, que, desprezando a ambição mundana, vivem de modo disciplinar, à semelhança da pátria futura. Tradução de Campanhari.

⁴⁶ A filosofia é o amor à Sapiência, que, não carecendo de nada, é mente viva e a única razão primordial das coisas. Tradução de Marchionni.

que se nomeia Sapiência? A partir disso, vê-se que compreender este conceito é de extrema importância, já que é para ele que se direciona toda a filosofia.

Primeiramente, a Sapiência é apresentada como o ente artífice de todas as coisas mas que não teve origem, pois sua essência é o próprio existir, isto é, Deus: “*In primo ordine id constituimus cui non est aliud esse, et id quod est id est, cuius causa et effectus diversa non sunt, quod non aliunde sed a seipso subsistere habet, ut est solus naturae genitor et artifex.*”⁴⁷ (*Didascalicon* I, c. VI, §2). Logo, a Sapiência se distingue de uma sabedoria prática, que é basicamente o conhecimento de técnicas, pois é um ser, mais especificamente é aquele ser que dá origem a todos os seres sem ter sido originado. “Para ele, a Sapiência é a essência primordial da qual brotam todas as coisas, uma essência geradora que se torna preta, proporcionando o nascimento de tudo que existe no universo” (ATHAYDE, 2007, p.180).

Ademais, a Sapiência aparece como um ser eterno e como o objeto de desejo do homem quando procura o conhecimento. Lembre-se que Aristóteles, como expôs-se anteriormente, já havia proposto a filosofia como conhecimento das causas eternas e das verdades imutáveis. Semelhante a Aristóteles, Hugo defende que o conhecimento deve ser buscado na amizade com essa causa eterna que é a Sapiência. No Tratado dos Três Dias há uma passagem que explicita essa eternidade da Sabedoria Divina:

Ademais, o que é por si próprio não pode não existir. Quem quer que seja por si próprio, nele sua existência e aquilo que é são o mesmo, porque nada pode ser dividido ou separado dele. Nada podendo ser separado dele, aquele em que a existência e o que é são o mesmo necessariamente existe sempre (*De tribus diebus*, c. 12, §9).

Em segundo lugar, já descartando a possibilidade de Hugo estar propondo a Sapiência como apenas um conceito, pode-se retomar a primeira definição de filosofia para averiguar características desse ente. Naquele trecho, Hugo apresenta três características da Sapiência: “*nullius indigens, vivax mens et sola rerum primaeva ratio est*”⁴⁸ (*Didascalicon* II, c. I, §1). Quando a apresenta como *nullius indigens* refere-se a capacidade da Mente Divina de conhecer tudo, nada escapando de sua inteligência,

⁴⁷ Situamos em primeiro lugar aquele ente cujo existir não é distinto de sua própria essência, em que causa e efeito não são diversos entre si; que subsiste não de outro princípio, mas de si mesmo, sendo o único progenitor e artífice da natureza. Tradução de Campanhari.

⁴⁸ Que de nada carece, e é mente vivaz e a primeira e única razão das coisas. Tradução de Campanhari.

não de modo progressivo, mas de uma só vez. Já no que refere-se a *vivax mens*, Hugo mostra ser a capacidade de retenção de conhecimento desta Mente Divina, que tendo conhecido, não deixa de conhecer. Por fim, o *sola rerum primaeva ratio* apresenta a Sapiência como artífice da criação, que cria espalhando sua semelhança de forma diferente em cada coisa.

As características da Mente Divina são evidenciadas, quando Hugo (*De tribus diebus*, c. 13, §39) compara a capacidade da Mente Divina de conhecer com a capacidade da mente humana de fazer o mesmo. Essa última, possui o conhecimento de forma mutável, seja porque aprende coisas novas ou porque esquece o que já aprendeu; seja porque sua mente não consegue pensar em tudo que sabe em um só instante ou porque quando considera uma mesma coisa, se o quiser fazer de diferentes modos tem que realizar cada modo de uma vez; seja também porque não consegue pensar em todos os lugares ao mesmo tempo mas também porque os pensamentos não são contínuos, sendo preciso interromper uma linha de raciocínio para pensar em uma coisa distinta. Assim, todas essas características demonstram a mutabilidade do conhecimento que o homem é capaz de adquirir.

No entanto, a Mente Divina é apresentada como impassível de mutabilidade (*De tribus diebus*, c. 13, §40). Hugo defende que aquele ser que cria tudo não pode desconhecer o que criou; também não pode perder conhecimento, pois é ele que dá origem a tudo; além disso, não esquece nada aquele que retêm o passado, vê todo o presente e prevê todo o futuro. “Diante da tradição filosófica notamos uma certa constância acerca de uma inteligência transcendente à inteligência humana. O *Noûs* de Anaxágoras, por exemplo” (BRITO, 2021, p.19, grifos do autor). Portanto, a Sapiência é a inteligência que subsistindo desde sempre nada desconhece, e com a sabedoria que possui cria o mundo e tudo o que existe.

Vê todas as coisas, e de todas as coisas tudo vê, e vê sempre e em todo lugar. Não lhe advém nada de novo, nem de alheio, nem do seu: quando é futuro, prevê; quando é presente, vê; quando é passado, retém. Nem prevê, vê e retém nada que não esteja nele próprio, pois o que advém no tempo, já lhe era na visão (*De tribus diebus*, c. 13, §42).

Não obstante, Deus cria primeiro a essência das coisas do mundo, as quais Hugo nomeia Natureza (*Didascalicon* I, c. VI, §2), que tem como característica o recebimento do existir pela própria divindade, que a cria imutável e desprovida de finalidade. Em síntese, todas as coisas do mundo são originadas dos modelos da

Natureza, “além disso, a Sapiência é a razão organizadora de todas as coisas que existem e se apresenta como a forma primeira de todas as formas” (ATHAYDE, 2009, p. 87). Posteriormente, a Natureza faz sua obra, dando existência as coisas temporais, que têm princípio e fim. Portanto, as essências são imutáveis, enquanto as coisas temporais são mutáveis e perecíveis.

Por conseguinte, a Natureza reside no pensamento de Deus, onde subsistem os arquétipos de todas as coisas, “assim, todas as coisas receberam a vida e a existência de Deus [...] Ela [a Sapiência] foi o exemplar de Deus, à semelhança de cujo exemplar todo esse mundo sensível foi feito” (HUGONIN, 2019, p. 48). No entanto, parece ambíguo dizer que Deus usou a Sapiência como um exemplar, já que a Sapiência não é o próprio Deus? Vê-se que para iluminar esta questão será necessário adentrar na questão da Santíssima Trindade, a fim de entender o que de fato é a Sapiência. “Consideremos agora também se esta nossa mesma natureza não nos possa ensinar algo mais sobre nosso Criador, se ela não seria capaz de no-lo mostrar não apenas uno, mas também trino” (*De tribus diebus*, c. 14, §2).

Não obstante, é inconveniente ir diretamente ao problema da Trindade, antes, como realiza Hugo (*De tribus diebus*, c. 14, §3), convém tomar como ponto de referência o homem, para a partir disso, conhecer a Trindade, através da consideração da formação do conhecimento no homem.

Assim, a mente una do homem gera uma inteligência una, que quando contemplada pela mente que a gerou é amada e desejada, pois vê nela algo semelhante a si, mas que não é ela própria, mesmo que tenha sido gerada por ela. Em suma, a mente gera a inteligência, e a inteligência e a mente geram o amor.

A partir disso, pode-se elucidar a Santíssima Trindade. Hugo realiza essa exposição tomando como base as premissas já anteriormente aceitas: eternidade, unidade e imutabilidade de Deus. Em seguida, apresenta que se Deus tem sabedoria, ele a tem desde sempre; se ele a gera, o faz desde sempre.

Sempre a sabedoria esteve nele, porque sempre a possuiu; sempre foi sábio. Sempre a sabedoria proveio dEle, porque a sabedoria que possui, ele mesmo a gerou. Sempre a sabedoria esteve com Ele, porque tendo-a gerado, esta não se dividiu de quem a gerou. Sempre foi gerada, e sempre é gerada; não tem início sendo gerada, nem fim tendo sido gerada; é sempre gerada, porque eterna; sempre tendo sido gerada, porque perfeita (*De tribus diebus*, c. 14, §8).

Portanto, assim como os seres humanos geram a inteligência, que se torna algo diferente da mente que a gerou, assim também Deus Pai gera seu Filho, que é a Sapiência, que mesmo sendo gerada pelo Pai é distinta dele. Além do mais, o Pai ama a Sapiência, e necessariamente o Amor, que é a terceira pessoa da Santíssima Trindade, sempre existiu, sendo ele também eterno, pois Deus é imutável, e, mesmo tendo sido gerado pelo Pai e pelo Filho, é distinto deles. Por fim, através da premissa da unidade divina, essas três pessoas são o mesmo Deus, por compartilharem uma única substância: “as três, portanto, são um, porque em três pessoas há uma só substância, mas as três não são um, porque assim como a distinção das pessoas não divide a unidade, assim a unidade da divindade não confunde a distinção das pessoas” (*De tribus diebus*, c. 14, §13).

Deus, em *Da arte de ler*, é definido por Hugo sobretudo com a palavra Razão (*Ratio*). Deus é, em si, uma ordem, uma harmonia, uma inteligência racional. Este conceito de *Ratio* é um dos mais importantes na filosofia do *Da arte de ler*. Criando o mundo, Deus dota-o de sua própria racionalidade, de sua própria ordem. [...] *A Ratio do Da arte de ler é a Ratio onto-lógica de Alguém que é (ontos)* independentemente da mente humana, antes desta, causa e ordem desta. Esta *Ratio*, criando o mundo, torna-o semelhante a si mesma, divinamente ordenado e harmônico. Ela é o arquétipo do mundo. A Razão Divina, portanto, encontra-se estendida, depositada no universo e sobretudo no homem. Desta *Ratio* o mundo e o homem são constitutivamente, não apenas metaforicamente, semelhança, simulacro, espelho (MARCHIONNI, 2001, p. 12, grifos do autor).

Portanto, através da compreensão da Santíssima Trindade pode-se distinguir o Pai e o Filho, o Criador e a Sapiência com que ele cria. Mas de que modo Deus cria com sua Sapiência? Nesse aspecto, é favorável à compreensão a analogia da Criação de Deus com a criação de um artista: antes de começar a esculpir um bloco de mármore, primeiro o artista concebe em seu espírito a ideia da estátua que irá plasmar no mármore, depois realiza a obra. Assim também, Deus tem em seu interior a ideia do que há de realizar para depois fazê-las. Essa inteligência que possui esses arquétipos é o Filho, a Sapiência.

Assim como o artífice concebe em seu espírito um tipo que permanece e que não muda ao mudar a obra que exteriormente o manifesta, assim Deus, criador de todas as coisas, compreende, desde toda a eternidade, em sua sabedoria, todas as coisas que viria a fazer, e esta sabedoria é imutável. É isto que faz dizer ao evangelista que o que foi feito era nele vida, isto é, que Deus de quem provém todas as coisas, as previu desde toda a eternidade, e o que ele dispôs em toda a eternidade, sem mudança em si mesmo, o realizou no tempo. Assim, todas as coisas receberam a vida e a existência da

sabedoria de Deus. [...] Ela foi o exemplar de Deus à semelhança de cujo exemplar todo este mundo sensível foi feito (HUGO apud HUGONIN, 2019, p. 48).

Sinteticamente, pode-se dizer que o Pai Eterno gera a Sapiência Eterna e cria o mundo sensível tomando como referência a Sapiência. Assim, tudo que existe no mundo sensível tem um modelo na Mente de Deus. Enquanto o mundo sensível está no tempo, sendo acometido pela mutabilidade e deterioração, os arquétipos concebidos na Sapiência são eternos e não se deterioram. É nesse aspecto que se compreende a noção de filosofia cristã defendida por Gilson (2021, p. 235): “a filosofia cristã é uma história que se desenvolve a partir de um termo imutável, situado fora do tempo e, por isso, sem história. A filosofia cristã é o desenvolvimento de um progresso a partir de uma verdade que não está, ela própria, sujeita ao progresso”.

Além do mais, o mundo é, conseqüentemente, uma manifestação da Mente Divina, que pode ser conhecida quando o homem se eleva racionalmente acima das coisas sensíveis procurando assimilar as coisas eternas, pois “a criação mesma tem algo do Verbo criador e, por se tratar de uma linguagem – que difere formalmente da linguagem humana -, pode ser captada pelo homem” (BRITO, 2021, p. 75). Por exemplo, quando o homem contempla a beleza da criação pode chegar à verdade da beleza e bondade do Criador. É nesse sentido que se pode afirmar que “a criação é, portanto, a manifestação do pensamento e da sabedoria de Deus, assim como a palavra é a manifestação do pensamento e da sabedoria do homem. O mundo é um imenso livro” (HUGONIN, 2019, p. 52).

Ademais, o conhecimento de Deus e das coisas eternas, na doutrina de Hugo de São Vítor, pode ser alcançado pela investigação racional das coisas sensíveis, compreendendo-se que elas são simulacros das coisas invisíveis. Ora, se as coisas temporais são originadas dos arquétipos eternos, elas remetem a eles pelo que são, do mesmo modo que a escultura feita pelo artista também remete à ideia que ele formulou em seu espírito.

De fato, todo este mundo sensível é como um livro escrito pelo dedo de Deus, isto é, criado pela virtude divina, e cada uma das criaturas são como figuras, não imaginadas pela opinião humana, mas instituídas por arbítrio divino para a manifestação da sabedoria de Deus invisível. Deste modo, assim como um analfabeto que visse um livro aberto veria as figuras mas não conheceria as letras, assim também é o estulto e o "homem animal", que "não percebe as coisas que são de Deus" (I Cor. 2): nestas criaturas visíveis vê externamente a espécie, mas não lhes compreende internamente a razão. O homem

espiritual, porém, pode julgar a todas as coisas, considerando externamente a beleza da obra, e concebendo internamente quão admirável é a sabedoria do Criador (*De tribus diebus*, c. 4, §5).

Esta comparação da criação como um livro escrito por Deus é interessante, pois apenas pode ler um livro quem souber decifrar o código expresso nos símbolos linguísticos. Por semelhança, a filosofia é a procura da leitura deste livro do mundo, procura essa que se reveste de técnicas e de modos a decifrar os signos e entender os arquétipos eternos que geraram todas as coisas e também a procura da leitura do próprio ser humano, que tem necessidade de descobrir quem é na profundidade de sua essência. Assim, essa leitura do mundo e do homem não pode proceder se o homem não se volta ao seu princípio, que é a Sapiência, onde ambos foram moldados (BRITO, 2021, p. 135).

Além do mais, é o amor que motiva toda a busca, porque, se a mente humana, ao gerar a inteligência, alegra-se ao contemplá-la, não seria muito maior a admiração do homem ao contemplar a inteligência divina? De fato, se o homem encontra alegria em contemplar a própria inteligência, encontrará a verdadeira alegria na contemplação da Sapiência, amando-a e desejando unir-se a ela. “Deus é, portanto, o sumo bem. Nunca, por conseguinte, poderemos situar a felicidade mais corretamente do que no sumo bem” (*De tribus diebus*, c. 14, §22).

Além disso, Hugo de São Vítor também mostra que o Pai não ama sua Sapiência como os homens costumam amar a sua sabedoria, pois o homem é mais inclinado a amar a sabedoria por causa da utilidade das obras que ela pode produzir, já o Pai ama sua Sapiência pelo que ela é em si mesma, amando as obras que realizou através dela porque a ama (*De tribus diebus*, c. 14, §16). Assim, é um erro humano amar o conhecimento por causa da utilidade que dele provém, pois o conhecimento é amável por si mesmo, a Sapiência deve ser buscada pelo que ela é, pela complacência que o intelecto humano encontra na sua contemplação.

Não obstante, quando Hugo defende que a filosofia é o amor pela Sapiência, ele entende amor como uma atitude que abarca desejo, zelo e união. Por isso, o conhecimento da Sapiência deve ser desejado pelo homem, que deve realizar essa busca com zelo, isto é, cuidado para que a busca seja feita de modo que alcance seu objetivo, esforçando-se por isso, e, à medida que vai crescendo no conhecimento, vai se conformando, assimilando-se ao que ama. “*Opus peragunt labor et amor, consilium pariunt cura et vigilia. In labore est, ut agas, in amore, ut perficias. In cura est, ut*

provideas, in vigilia, ut attendas." ⁴⁹(*Didascalicon* III, c. XVII, §2). Logo, filosofar é voltar os olhos da razão a todas as coisas, procurando nelas o que se ama: a Sapiência.

O amor pela Sapiência é exaltado através da lembrança da vida dos grandes filósofos e poetas pagãos, que enfrentaram muitas dificuldades e realizaram inúmeras renúncias a vista de possuir o bem da Sapiência:

Qui enim diligenter inspicere voluerit quid antiqui propter amorem sapientiae pertulerint, quam memoranda posteris virtutis suae monimenta reliquerint, quamlibet suam diligentiam inferiorem esse videbit. Alii calcabant honores, alii proiecerunt divitias, alii acceptis iniuriis gaudebant, alii poenas spreverunt, alii contubernia hominum deserentes, ultimos recessus et secreta eremi penetrantes, soli se philosophiae dedicabant, ut eo contemplationi vacarent liberius, quo nullis quae virtutis iter impedire solent cupiditatibus animum subiecissent ⁵⁰(*Didascalicon* III, c. XIV, §1).

A partir disso, vê-se que o amor pela Sapiência deve estar acima do amor às riquezas, ao convívio social, às honras e prazeres, não de modo que tudo se torne desprezível, mas de modo que se algo impede o crescimento no amor àquela Mente Viva, deve ser deixado de lado, a exemplo do que realizaram os grandes filósofos. Nesse trecho, Hugo quer incutir nos estudantes a certeza de que seu desejo do conhecimento deve ser maior do que qualquer outro desejo, a fim de motivá-los a ter grande zelo em seus estudos.

Além do que foi dito, vê-se que o Mestre Vitorino tinha grande admiração pelos filósofos pagãos, e se sentia herdeiro de seus conhecimentos, ficando claro que seu pensamento se distancia da postura de rejeição dos antigos, e pode dar um vislumbre da postura de seus contemporâneos em relação à cultura antiga: “a veneração com que os autores do século XII cercavam o nome de Platão, e os teólogos do século XIII falavam de Aristóteles se explica por essa consciência de herdeiros da sabedoria antiga” (VAZ, 1998, p. 79).

⁴⁹ O trabalho e o amor permitem concluir o estudo, o cuidado e a vigília dão à luz o conselho. No trabalho realizas, no amor aperfeiçoas. No cuidado provês, na vigília proteges. Tradução de Campanhari.

⁵⁰ Quem, portanto, quiser refletir diligentemente sobre o que os antigos suportaram por amor à Sabedoria, através dos testemunhos memoráveis de sua virtude que eles nos deixaram, verá que sua diligência, qualquer que seja, é inferior à deles. Alguns desprezavam as honras, outros rejeitavam as riquezas, outros se alegravam com as injúrias recebidas, outros não se importaram com os sofrimentos, outros, abandonando o convívio dos homens e adentrando os lugares mais retirados e secretos do deserto, dedicavam-se unicamente à filosofia, com o intuito de ficarem mais livres para sua contemplação quanto menos submetessem seu espírito aos prazeres que costumam impedir o caminho da virtude. Tradução de Campanhari.

Assim, apesar de ter-se descoberto que as nascentes da filosofia jorraram do próprio Deus, que os antigos não conheciam com tamanha luminosidade como a revelação cristã deu a conhecer, foi na Grécia o lugar em que se deu o início do escoamento das águas que depois se tornariam caudalosas, chegando a todo o mundo. Foi no meio dos pagãos que a filosofia nasceu, foram eles que legaram à humanidade a riqueza de seus trabalhos espirituais. No pensamento de Hugo, essa verdade não é contrária à verdade de que a filosofia também é um bem que é destinado ao ser humano, que deve ser buscado através do estudo dos gregos e de todos aqueles que souberam dizer a verdade, à semelhança do que disse São Justino:

Portanto, a nossa religião mostra-se mais sublime do que todo o ensinamento humano, pela simples razão de que possuímos o Verbo inteiro, que é Cristo, manifestado por nós, tornando-se corpo, razão e alma. Com efeito, tudo o que os filósofos e legisladores disseram e encontraram de bom, foi elaborado por eles pela investigação e intuição, conforme a parte do Verbo que lhes coube. Todavia, como eles não conheceram o Verbo inteiro, que é Cristo, eles frequentemente se contradisseram uns aos outros. Aqueles que antes de Cristo tentaram investigar e demonstrar as coisas pela razão, conforme as forças humanas, foram levados aos tribunais como ímpios e amigos de novidades. Sócrates, que mais se empenhou nisso, foi acusado dos mesmos crimes que nós, pois diziam que ele introduzia novos demônios e que não reconhecia aqueles que a cidade considerava como deuses. O fato é que, expulsando da república Homero e outros poetas, ele ensinou os homens a rejeitar os maus demônios, que cometeram as abominações de que falam os poetas, e ao mesmo tempo os exortava ao conhecimento de Deus, para eles desconhecido, por meio de investigação racional, dizendo: “Não é fácil encontrar o Pai e artífice do universo, nem, quando o tivermos encontrado, é seguro dizê-lo a todos.” Foi justamente o que o nosso Cristo fez por sua própria virtude. Com efeito, ninguém acreditou em Sócrates, até que ele deu a sua vida por essa doutrina (*Apologá II*, 10).

Por isso, sua proposta da filosofia como amor pela Sapiência, longe de ser uma proposta de afastamento do conhecimento advindo dos antigos e fundadores da filosofia, é uma proposta de plenificação da natureza da filosofia, pois a Mente Divina, que ele propõe como objeto de amor do filósofo, é o patamar mais alto que a mente humana pode alcançar, e tendo alcançado esse patamar, mesmo que de maneira limitada, poderá desvelar o mundo ao seu redor e sua própria identidade como ser humano.

2.1.3 As artes mecânicas como parte da Filosofia

O *Didascalicon* apresenta uma “novidade enorme” (MARCHIONNI, 1998, p. 70), pois confere às artes mecânicas a pertença à filosofia. Isso se justifica pela concepção de ato, no sentido de ação prática, que Hugo defende, ligado à concepção da Sapiência como ordem do mundo.

O mestre Vitorino compreende que existem dois tipos de atos: os atos humanos e os atos divinos. Apesar de o segundo ser nomeado divino, não se refere a um ato de Deus, mas quer significar que é um ato que restaura a natureza do homem, que está corrompida, e é restaurada pela especulação da verdade e a prática das virtudes (*Didascalicon* I, c. V, §3). Já os atos humanos são as práticas para suprir as necessidades da vida ordinária, e são divididos em três tipos: “primum, quod naturae nutrimentum administrat, secundum, quod contra molesta, quae extrinsecus accidere possunt, munit, tertium, quod contra iam illata praestat remedium”⁵¹ (*Didascalicon* I, c. VIII, §2).

Além do mais, para poder entender a noção de ato proposta, é importantíssimo realçar a diferença entre a natureza humana e a natureza animal. Os animais, em todos os seus atos são guiados por seus instintos, não possuindo capacidades de elevar-se acima deles para optar não segui-los. Os animais fazem o que seus instintos lhe instruem e não há outra maneira de se portar. Por conseguinte, o homem também possui instintos, pode-se dizer mais precisamente paixões que surgem sem seu controle, mas a alma humana é dotada da capacidade racional, que os animais não possuem, por isso o homem é capaz sofrer determinada paixão mas não agir conforme o que ela ordena. “Em suma, o homem não pode ser conduzido, em suas ações, senão pela razão. Se não fosse assim, ele seria igual ao animal” (MARCHIONNI, 1998, p. 156).

Resta ao homem, agora, não proceder apenas conforme as paixões, que são desordenadas. Por exemplo: uma pessoa que se deixa levar pelo ódio por outro tem em seu poder não agir conforme esse ódio, podendo vencê-lo através da moderação da razão. A moderação da razão nos atos do ser humano é o que faz com que todos os atos sejam interesse da filosofia, pois em tudo o homem está operando racionalmente.

⁵¹ O primeiro provê o alimento da natureza; o segundo protege das moléstias que vêm de fora; e o terceiro fornece o tratamento contra as que já foram contraídas. Tradução de Campanhari.

“*Consequenter nunc omnium humanarum actuum moderatricem quandam sapientiam possuisse videmur*”⁵² (*Didascalicon* I, c. IV, §1). A moderação da Sapiência nos atos divinos permite o homem encontrar a verdade e o bem, nos atos humanos permite o homem imitar a natureza em suas produções artísticas. Em suma, quando o homem procura o conhecimento, a verdade, o bem, está voltado para a Sapiência, quando produz um navio, também está voltado para a Sapiência, porque se inspira nos modelos da Natureza para criar suas obras. Esse período evidencia bem o caráter da filosofia como aquela que investiga profundamente a razão de todas as coisas humanas e divinas. “Inventando estes meios de vida, mais que os possuindo por virtude da natureza, a razão humana tem a oportunidade de revelar a sua grandeza” (MARCHIONNI, 1998, p. 155).

No entanto, é de grande importância vislumbrar o que compete de fato à filosofia mecânica, pois é uma linha tênue o que impede de pensar que Hugo está propondo a concretização dos atos como parte da filosofia. Não é o realizar a obra que pertence a filosofia, mas o estudo das razões por trás das obras, “*potest manque idem actus et ad philosophiam pertinere secundum rationem suam, et ab ea excludi secundum administrationem*”⁵³ (*Didascalicon* I, c. IV, §3).

Por exemplo, na arte da caça está também incluída a preparação dos alimentos: não é um ato filosófico preparar os alimentos, mas é filosófico pensar sobre as razões que envolvem a preparação dos alimentos. Também pode ilustrar essa temática a arte da agricultura: cultivar a terra não é filosofia, mas estudar as razões da agricultura compete ao filósofo.

Os atos humanos tem profunda ligação com a Natureza, pois as obras produzidas são imitação da Natureza (*Didascalicon* I, c. 4, §2). O mundo foi criado através dos arquétipos da Natureza, portanto as coisas sensíveis, presentes no tempo, são simulacro das coisas eternas e imortais. Hugo, ao defender que os atos humanos são uma imitação da natureza defende que para realizar suas obras, o homem observa racionalmente a Natureza, percebendo-a em suas obras, e assim pode criar sua própria obra, que é uma imitação porque se realiza copiando:

⁵² Consequentemente agora nos vemos obrigados a estabelecer a Sabedoria como o ponto de referência de todos os atos humanos. Tradução de Campanhari.

⁵³ Com efeito, o mesmo ato pode pertencer à filosofia segundo seu conceito, mas não pertencer segundo sua execução. Tradução de Marchionni.

Qui statuam fudit, hominem intuitus est. Qui domum fecit, montem respexit. Quia enim, ut ait propheta, "qui emittis fontes in convallibus, intra medium montium pertransibunt aquae. Eminentia montium aquas non retinet. Ita domus in altum quoddam cacumen levanda fuit, ut irruentium tempestatum molestias tuto excipere posset. Qui usum vestimentorum primus adinvenit, consideravit quod singula quaeque nascentium propria quaedam habeant munimenta quibus naturam suam ab incommodis defendunt. Cortex ambit arborem, penna tegit velucrum, piscem squama operit, lana ovem induit, pilus iumenta et feras vestit, concha testudinem excipit, ebur elephantem iacula non timere facit. Nec tamen sine causa factum est quod, cum singula animantium naturae suae arma secum nata habeant, solus homo inermis nascitur et nudus. Oportuit enim ut illis, quae sibi providere nesciunt, natura consuleret, homini autem ex hoc etiam maior experiendi occasio praestaretur, cum illa, quae ceteris naturaliter data sunt, própria ratione sibi inveniret. Multo enim nunc magis enitet ratio hominis haec eadem inveniundo quam habendo claruisset ⁵⁴(*Didascalicon* I, c. IX, §4).

O homem geralmente não percebe que o mundo ao seu redor foi adornado de inúmeras de suas obras, que só puderam ser feitas por sua capacidade racional. Deus cria o mundo *ex nihilo*, mas o homem é também artífice, adornando o mundo com suas próprias produções. Criar o mundo é mérito de Deus, fazer com que o mundo seja habitável, sanar as necessidades do corpo, facilitar a vivência no mundo é mérito do homem, que é obra de Deus.

Portanto, a filosofia não deve se dedicar apenas aos atos divinos, pois também os atos humanos precisam ser investigados e estão voltados à Sapiência moderadora. "*Vides iam qua ratione cogimus philosophiam in omnes actus hominum diffundere, ut iam necesse sit tot esse philosophiae partes quot sunt rerum diversitates, ad quas ipsam pertinere constiterit*" ⁵⁵(*Didascalicon* I, c. IV, §4). No entanto, a novidade de Hugo não está em dizer que as partes da filosofia devem ser tantas quantos são os atos do ser humano, pois Aristóteles já havia defendido essa

⁵⁴ O artífice que fundiu a estátua, observou o homem. Aquele que fez a casa olhou a montanha, pois, como diz o profeta: "Tu fazes jorrar as fontes nos vales e as águas escorrerão entre os montes". As cristas das montanhas não seguram as águas. E assim, a casa teve que ser levantada até o alto da cumeeira, para que pudesse suportar com segurança os riscos das violentas tempestades. Quem, primeiro, inventou o uso de vestimentas, observou que todas as espécies daqueles que nascem possuem cada qual algumas proteções próprias, com as quais defendem a sua própria natureza contra os incômodos. A casca abraça a árvore, a pluma protege o pássaro, a escama cobre o peixe, a lã aquece a ovelha, o pelo veste os jumentos e as feras, a concha acolhe a tartaruga, o marfim não deixa o elefante temer as lanças. E não foi sem razão que, enquanto cada um dos seres animados possui por nascença as armas de sua própria natureza, somente o homem nasce sem armas e nu. Foi conveniente, portanto, que a natureza provesse àqueles que não conseguem prover a si mesmos, enquanto ao homem foi reservada uma maior oportunidade de experimentar, ao ter que encontrar para si com a razão aquilo que aos outros é dado naturalmente. Muito mais brilha a razão do homem inventando estas mesmas coisas, de quanto teria resplandecido se já as tivesse. Tradução de Marchionni.

⁵⁵ Vês que imediatamente somos obrigados a admitir que pela razão a filosofia está difundida em toda ação humana, de modo que é necessário haver na filosofia tantas partes quantas sejam as diferentes coisas das quais convém se ocupar. Tradução de Campanhari.

verdade. A novidade de Hugo está na aplicação dessa verdade, percebendo que também convém à filosofia a investigação dos atos humanos, o que ainda não havia sido proposto, foi uma sensibilidade histórica do Mestre Vitorino (MARCHIONNI, 1998, p. 64).

CONCLUSÃO

Chegou-se agora ao ponto do rio em que se desejava: a torrente, donde Hugo de São Vítor anunciou ser a filosofia o amor pela Sapiência. Todo o percurso de investigação do curso do rio permitiu esclarecer que sua nascente está na própria Mente Divina, que gerando o homem, o dota de alma racional, capaz de investigar a razão de todas as coisas humanas e divinas.

O percurso do rio também demonstrou que suas águas se dividem em quatro ramos que irrigam todo o orbe terrestre: filosofia teórica, filosofia prática, filosofia mecânica e filosofia lógica. Os quatro ramos dão vida a todos os atos humanos, direcionando tudo para a Sapiência. Além disso, essa água se mostra muito benéfica para o homem, que recebe dela o conhecimento da origem primordial de todas as coisas, e recebe meios para conhecer a si mesmo e todas as coisas.

O primeiro capítulo foi de grande importância para estabelecer a ligação do pensamento de Hugo de São Vítor com os fundadores do filosofar. Longe de ter uma postura de negação da identidade da filosofia proposta por eles, Hugo realiza uma continuidade e plenificação do que recebeu da tradição. Vê-se que sua preocupação não foi fundar seu próprio conceito de filosofia, mas sim de evidenciar a verdadeira natureza da atividade filosófica, aquilo que faz e filosofia ser filosofia e não outra arte.

Através dos quatro conceitos estudados, a filosofia é delineada como a arte das artes, aquela que está acima de todas as artes e para as quais todas tendem. Além disso, a filosofia apareceu como um saber que investiga todas as coisas, mesmo as divinas, evidenciando que ela se debruça sobre a razão de tudo. Também ficou realçada a relação dos cristãos com a filosofia, que, ao invés de impedir a prática cristã, atua como um auxílio na vivência da fé, pois o filosofar ensina ao homem o desejo da felicidade da vida eterna através do exercício de uma vida prudente. Por fim, a definição da filosofia como amor pela Sapiência é uma síntese das outras três, revelando que filosofar é ter amor pela Sapiência.

O segundo capítulo explicitou a divisão quaternária da filosofia, mostrando que no pensamento de Hugo de São Vítor não há a redução da filosofia às artes liberais, que são vistas como artes preparatórias e sem as quais não se pode erguer o edifício filosófico, mas que não são toda a filosofia. Não obstante, o Mestre Vitorino

favoreceu o crescimento da teologia natural, defendendo que a razão é capaz de conhecer muitas coisas sobre Deus, inclusive sua essência una e trindade de pessoas, mas ainda não havia a compreensão da Sacra Teologia como uma ciência separada da filosofia. Assim, a exposição da divisão da filosofia aprofundou o conceito da filosofia como arte das artes e ciência que investiga profundamente a razão de todas as coisas humanas e divinas, pois mostrou o quão abrangente é a filosofia: ela se estende a todos os atos humanos.

Além do mais, a exposição sobre o conceito de Sapiência mostrou que ela é a razão primordial de todas as coisas, é a Sabedoria de Deus, da qual ele se serviu para criar o mundo e o homem através dos modelos da Natureza. Consideração que pode parecer ser ilusória ou risível aos que desconsideram a existência de Deus, no entanto, lembra a metafísica de Aristóteles, que ainda não estava disponível aos europeus no tempo de Hugo, mas onde se defendeu a existência de um motor imóvel, que não tendo sido movido confere o movimento a todas as coisas. O Mestre Vitorino, a partir da concepção da criação do mundo e do homem *ex nihilo*, estrutura toda a existência humana em relação à Sapiência, pois ela é o ponto de referência para todos os atos humanos.

Tendo em vista a ideia que Hugo tem sobre a Sapiência pôde-se elucidar a proposta da inclusão das artes mecânicas à filosofia, contribuindo para mostrar a novidade trazida por Hugo. As artes mecânicas são filosóficas por causa das razões de sua operação, pois o artífice deve se voltar à Natureza, contemplar os arquétipos, de onde ele realiza a imitação, produzindo a sua obra. Por isso, a razão das artes mecânicas convém ao filósofo, mas a execução das mesmas convém ao trabalhador.

Considerada a importância de Hugo de São Vítor e suas obras, a presente pesquisa acrescenta à comunidade uma exposição sobre sua concepção de filosofia, possibilitando maior conhecimento do pensamento do Mestre Vitorino, que alegremente tem sido mais estudado e conhecido no Brasil. Propiciando também o surgimento de novas pesquisas, suscitadas pelas problemáticas levantadas nesta presente investigação.

Vislumbrar a identidade da filosofia na doutrina de Hugo de São Vítor serve como um primeiro passo no itinerário de estudo do pensamento do Mestre Vitorino, pois, mais necessário que conhecer o que é a filosofia, é saber iniciar-se nela e praticá-la devidamente. Por isso, esse trabalho abre portas para a investigação do

método de estudos proposto por Hugo. Poder-se-á investigar a importância da leitura no *Didascalicon* e a necessidade de aprender a meditar o que se leu, chegando-se até a contemplação, como é apresentado no *Opúsculo Sobre o Modo de Aprender e Meditar* e no *Opúsculo Sobre a Arte de Meditar*. Não obstante, pode-se também estudar a finalidade do filosofar como restauração da natureza humana através da especulação da verdade.

A filosofia, tendo sua face desvelada por Hugo no *Didascalicon*, se mostra como uma arte que possibilita ao homem alcançar seu primeiro princípio, uma arte que capaz de dar sentido à vida humana e de ensinar o homem a conduzi-la de modo a alcançar a felicidade e não realizar nada que depois o leve a arrepender, pois o ensina a ordenar a própria vida à Sapiência.

O estudo do *Didascalicon* também é de grande valia aos estudantes cristãos, especialmente aos católicos, pois ensina um modo de se tornar filósofo sem deixar de ser cristão, conduzindo os estudos de modo que a alma seja alimentada e nutrida de bons desejos pela verdade que contempla e não massacrada e esmagada, o que acontece quando os estudos são conduzidos de modo imprudente. É confortante escutar que a leitura deve ser confortante e não um peso para a alma: “*Christiano philosopho lectio exhortatio debet esse, non occupatio, et bona desideria pascere, non necare*”⁵⁶(*Didascalicon* V, c. VII, §3), e também é igualmente confortante escutar que não se deve ter pressa para aprender, mas procurar ter um aprendizado progressivo, que seja capaz de amadurecer o espírito:

*Sunt qui omnia legere volunt. Tu noli contendere. Sufficiat tibi. Nihil tua interest, annon omnes legeris libros. Infinitus est librorum numerus, tu noli sequi infinita. Ubi finis non est, requies esse non potest. Ubi requies non potest, pax nulla est. Ubi pax non est, Deus habitare non potest*⁵⁷
(*Didascalicon* V, c. VII, §6).

Por fim, o *Didascalicon* tem muito a oferecer aos estudantes de nosso século, que poderão encontrar nele um caminho para uma formação intelectual que propicie o amadurecimento do espírito humano, algo que é muito além do que uma simples

⁵⁶ Para o filósofo cristão a leitura deve ser uma exortação, não uma ocupação, e deve nutrir os bons desejos, não mata-los. Tradução de Marchionni.

⁵⁷ Há pessoas que querem ler tudo. Você não queira competir. Se contente. Não se preocupe, se não ler todos os livros. O número dos livros é infinito, e você não queira ir atrás dos infinitos. Onde não há um fim, não pode haver repouso. Onde não há repouso, não há nenhuma paz. Onde não há paz, Deus não pode habitar. Tradução de Marchionni.

memorização de conteúdo, pois é o amor pela Sapiência, que atrai o espírito humano pela sua beleza, despertando nela o desejo da união.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, Santo Tomás de. **Suma Teológica**. 3.ed. v.1. São Paulo: Edições Loyola, 2001.
- ARISTÓTELES. **Metafísica**. Tradução de Marcelo Perine. v.2. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- ATHAYDE, Wesley Rodrigues. A Sapiência e as Sete Artes Liberais Segundo Hugo de São Vítor. **Humanidades em diálogo**, v. 1, n. 1, nov., p. 179-195, 2007.
- ATHAYDE, Wesley Rodrigues. **As artes liberais e mecânicas**: Uma via para o conhecimento da sapiência, segundo Hugo de São Vítor. Orientador: Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento. 2009. 102 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Filosofia, Departamento de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.
- AGOSTINHO, Aurélio. **A Cidade de Deus**. Tradução de J. Dias Pereira. v.1. 2.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.
- BENTO XVI, Papa. **Audiência Geral**: Hugo e Ricardo de São Vitor. Vaticano: 2009. Disponível em: <<https://bityli.com/fSYVH>>. Acesso em: 13 abr. 2022.
- BOÉCIO. In porphyrium Dialogi. MIGNE, J. (Org). **Patrologiae cursus completus**: Series latina. Paris: Bibliothecae Cleri Universae, 1847. Tomo LXIII (64). p. 9-70.
- BOEHNER, Philotheus; GILSON, Etienne. **História da filosofia cristã**: desde as origens até Nicolau de Cusa. Tradução de Raimundo Vier. 13.ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- BRITO, Saulo Fernandes. **De E-ducere**: a perspectiva formativa das artes liberais no projeto filosófico-educacional de Hugo de São Vítor. Orientador: Marcos Aurélio Fernandes. 2021. 157 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Filosofia, Departamento de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Nacional de Brasília, Brasília, 2021.
- CÍCERO, Marcos Túlio. **Discussões Tusculanas**. Tradução de Bruno Fregni Basseto. Uberlândia: EDUFU, 2014.
- COPLESTON, Frederick. **Uma história da filosofia**: Grécia Roma e filosofia medieval. Tradução de Augusto Caballero Fleck, Carlos Guilherme e Ronald Robson. v. 1. Campinas: Vide Editorial, 2021.
- EMPÍRICO, Sexto. Hipoteses Pirrônicas: Livro I. Tradução de Danilo Marcondes. **O que nos faz pensar**. n. 12, set/set, Rio de Janeiro, 1997. p. 115-122.
- GILSON, Étienne. **O filósofo e a teologia**. Tradução de Tiago José Risi Leme. Santo André: Academia Cristã, 2021.

HUGO DE SÃO VÍTOR. Tratado dos três dias (De tribus diebus). ROSA, A. (Org.). **Princípios Fundamentais de Pedagogia**. Foz do Iguaçu: Associação Centro Hugo de São Vitor, 2019. p. 91-158.

HUGO DE SÃO VÍTOR. **Didascálicon**: da arte de ler. Tradução de Antonio Marchionni. Petrópolis: Vozes, 2001.

HUGO DE SÃO VÍTOR. **Didascalicon**: sobre a arte de ler. Tradução de Roger Campanhari. Campinas: Kírion, 2018.

HUGO DE SÃO VÍTOR. Questiones et decisiones in epistolas Pauli. MIGNE, J. (Org). **Patrologiae cursus completus**: Series latina. Paris: Bibliothecae Cleri Universae, 1854. Tomo CLXXV (175). p. 431-633.

HUGONIN, Monsenhor. Ensaio sobre a fundação da escola de São Vitor de Paris. SÃO VÍTOR, Hugo. ROSA, A. (Org.). **Princípios Fundamentais de Pedagogia**. Foz do Iguaçu: Associação Centro Hugo de São Vitor, 2019. p. 25-70.

PLATÃO. **A República**. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. 9.ed. Fundação Calouste Gulbenkian.

PLATÃO. **Fedro**. Tradução de Pinharanda Gomes. 6.ed. Lisboa: Guimarães Editores, 2000.

PLATÃO. Fédon. **Diálogos**: O Banquete, Fédon, Sofista, Político. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979. p. 55-126.

PLATÃO. **Parmênides**. Tradução de Maura Iglésias e Fernando Rodrigues. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

PLATÃO. **Teeteto**. Tradução de Adriana Manuela Nogueira e Marcelo Boeri. 3.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

LAÊRTIOS, Diôgenes. **Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres**. Tradução de Mário da Gama Kury. 2.ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1987.

MARCHIONNI, Antonio. Introdução. HUGO DE SÃO VÍTOR. **Didascálicon**: da arte de ler. Tradução de Antonio Marchionni. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 7-39.

MARCHIONNI, Antonio. **Trabalho e Razão no Didascalicon de Hugo de São Vitor**. Tese (Doutorado em Filosofia) - Curso de Filosofia, Departamento de Filosofia, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 220 f. 1998.

NUNES, Ruy Afonso da Costa. **Gênese, Significado e Ensino da Filosofia no Século XII**. Campinas: Kírion, 2020.

SÃO BOAVENTURA. **Recondução das Ciências à Teologia**. Porto: Porto Editora, 1996.

SÃO BERNARDO. Sermones Super Cantica Canticorum. v.2. MIGNE, J. (Org). **Patrologiae cursus completus**: Series latina. Paris: Bibliothecae Cleri Universae, 1862. Tomo CLXXXIII (183). p. 785-1197.

SÃO JUSTINO. **I e II Apologias, Diálogo com Trifão**. 2.ed. São Paulo: Paulus.

SERTILLANGES, Antonin-Dalmace. **A Vida Intelectual**: seu espírito, suas condições, seus métodos. Tradução de Roberto Mallet. Campinas: Kyrion, 2019.

SCHOPENHAUER, Artur. **A arte de escrever**. Tradução de Pedro Sússekind. Porto Alegre: L&PM, 2009.

VAZ, Henrique C. de Lima. **Escritos de filosofia I**: Problemas de fronteira. 2.ed. São Paulo: Edições Loyola, 1998.